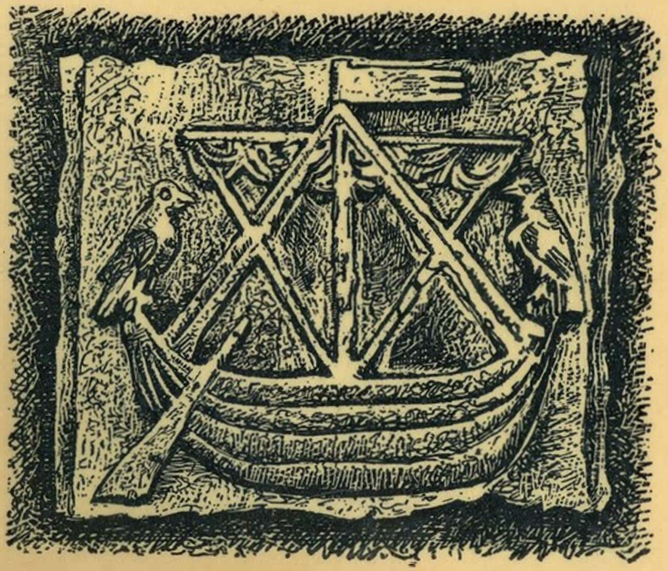
NORBERTO DE ARAÚJO

INVENTÁRIO DE LISBOA

Fasciculo 10



Edição da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O PRESENTE FASCÍCULO ESCRITO, NA QUASE TOTALIDADE, PELO SAUDOSO OLISIPÓGRAFO NORBERTO DE ARAÚJO, FOI CONTINUADO PELO DR. DURVAL PIRES DE LIMA, ESCRITOR E TAMBÉM CONSAGRADO INVESTIGADOR, QUE PASSA A SER O ORGANIZADOR DO «INVENTÁRIO DE LISBOA», DENTRO DO PLANO PRIMITIVAMENTE ESTABELECIDO

INVENTÁRIO
DE
LISBOA

1

Incorporação
NOV. 1962
399 A.
O-1721 A.

INVENTÁRIO DE LISBOA

POR

NORBERTO DE ARAÚJO
E
DURVAL PIRES DE LIMA

Fascículo X

Reg. Prís. nº 326
R.P. 1507
A.16370

C. M. L.
1955

3

Capa de MARTINS BARATA
Ilustrações de JOSÉ ESPINHO
e ROSA DUARTE

SUMÁRIO

Publicados:

FASCÍCULO I — **Monumentos nacionais** — Castelo, Sé, Jerónimos, Torre de Belém, S. Vicente, Basílica da Estrela, Aqueduto das Águas Livres.

FASCÍCULO II — **Sistemas defensivos** — Cerca Moura (século XII), Cerca de D. Fernando (século XIV), Defesas marítima e terrestre (século XVII), Campo Entrincheirado (século XIX).

FASCÍCULO III — **Paços e Palácios Nacionais** — Belém, Bemposta, Necessidades, Ajuda e Assembleia Nacional.

FASCÍCULO IV — **Outros palácios do património nacional** — Almada, Alvor, Calheta, Marialva (Belém), Niza, Ega, Burnay (Junqueira), Lavradio, Barbacena, Penafiel, Foz e Farrobo (Laranjeiras).

FASCÍCULO V — **Palácios municipais** — Távora-Galveias, Mitra, Paços do Concelho (referência) e Folgosa. — **Palácios particulares** — Casa dos Bicos, Palácios Almada-Carvalhais e Belmonte.

Integrado neste fasciculo: **Casas da Câmara de Lisboa,** por Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araújo (estudo histórico, volume especial).

FASCÍCULO VI — **Palácios particulares** (continuação) — Azambuja, Fronteira, Abrantes, Arcos, Azevedo Coutinhos, Pombal, Flor da Murta, Olhão-Castro Marim, Óbidos, Figueira, Redondo.

FASCÍCULO VII — **Palácios particulares** (continuação) — Sabugosa, Azurara, Rosa, Mitelo, Tancos, Anadia, Calhariz, Ribeira, Valadares, Vagos.

FASCÍCULO VIII — **Palácios particulares** (continuação) — Copeiros-Mores, Águias, Lázaro Leitão, Galvões Mexias, Ludovice, Lafões, Guiões, Quintela, Praia e José Maria Eugénio.

FASCÍCULO IX — **Palácios particulares** (continuação) — Alvito, Teles de Meneses, S. Martinho, Mesquitela, Alarcão, Alcáçovas, Carnide, Pombeiro, Teles de Melo, Marim-Olhão, Ferreira Pinto, Palmela.

FASCÍCULO X — **Igrejas paroquiais** — S. Vicente (referência), S. Miguel, Santa Cruz do Castelo, Sé (referência), Santos, S. Nicolau, S. Tiago, S. Cristóvão, S. Domingos, Graça, Lumiar, Santo Estêvão, Olivais, Luz, Coleginho, Jerónimos (referência), Ameixoeira e S. Paulo.

Sucessivamente:

Igrejas paroquiais (continuação), Igrejas não paroquiais, capelas e ermidas, Casas pitorescas (seguir a ordenação exposta na folha-sumário do fascículo I).

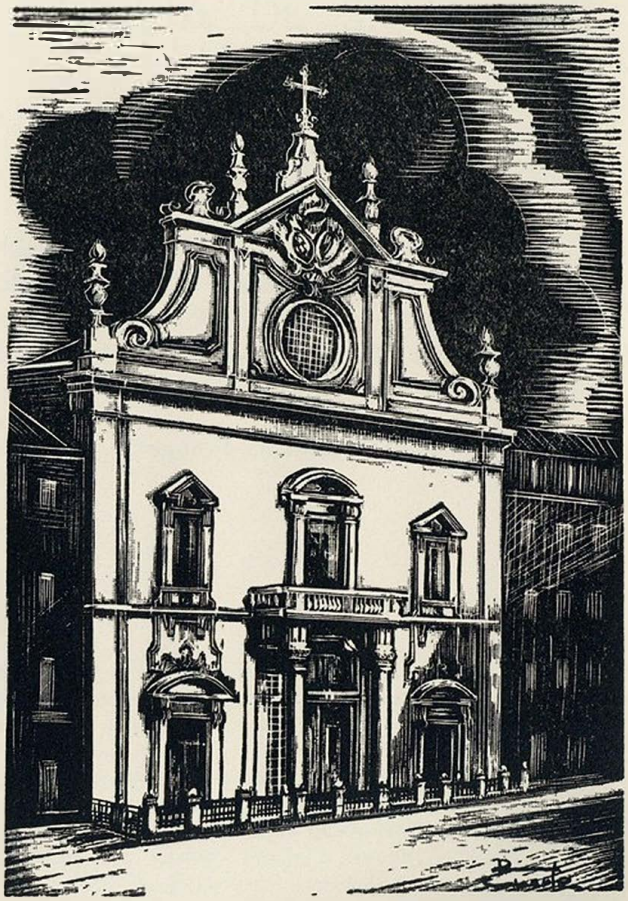
IGREJAS PAROQUIAIS

Séculos XII a XVI

IGREJA DE S. VICENTE (referência)
IGREJA DE S. MIGUEL
IGREJA DE SANTA CRUZ DO CASTELO
IGREJA DA MADALENA
IGREJA DA SÉ (referência)
IGREJA DE SANTOS
IGREJA DE S. NICOLAU
IGREJA DE S. TIAGO
IGREJA DE S. CRISTÓVÃO
IGREJA DE S. DOMINGOS
IGREJA DA GRAÇA
IGREJA DO LUMIAR
IGREJA DE SANTO ESTEVÃO
IGREJA DOS OLIVAIS
IGREJA DA LUZ
IGREJA DO COLEGINHO
IGREJA DOS JERÓNIMOS (referência)
IGREJA DA AMEIXOEIRA
IGREJA DE S. PAULO

A ordem cronológica por que são apresentadas as várias paroquiais nem sempre pode ser rigorosa; a incerteza das datas de fundação tal não permite. Apenas pertencem ao continuador de Norberto de Araujo os artigos sobre as igrejas de Santa Cruz do Castelo, Coleginho e Ameixoeira, além de um ou outro apontamento ao texto do falecido escritor.

IGREJAS PAROQUIAIS



IGREJA DE S. VICENTE

Século XII

Fundação . . .	1147
Amplo restauro	1.ª metade do Séc. XVI
Reedificação . .	1590-1629
Restauros . . .	3.º quartel do Séc. XVIII e final do Séc. XIX
Paróquia . . .	1147

[Freguesia civil das Escolas Gerais]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial de S. Vicente, do mosteiro dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, é uma reedificação integral do final do século XVI e de todo o século XVII, mas cujas obras complementares só se concluiram no princípio do século XVIII. A traça é do arquitecto italiano Filipe Terzi, ao qual sucederam Leonardo Turriano (1597), João Tinoco e Baltasar Alvares. A primeira pedra foi lançada em 25 de Agosto de 1582, mas os trabalhos só começaram, de facto, depois de Novembro de 1590. Em 1605 estavam de pé apenas a capela-mor, o coro dos cónegos e o transepto, sendo então inaugurada a igreja, cujas obras das naves só se concluíram em Agosto de 1629, continuando os trabalhos nas dependências do mosteiro, cláustro e sacristia.

O Terramoto causou danos na igreja, especialmente na cúpula do cruzeiro, que ruiu, prolongando-se as obras de restauro durante o terceiro quartel do século XVIII. Em 1895 o templo recebeu novos restauros e algumas transformações.

Esta igreja conventual sucedeu ao templo que D. Afonso Henriques ordenou que se construisse, como acção de graças pela vitória cristã na tomada da cidade mourisca, e cuja primeira pedra foi lançada em 21 de Novembro de 1147. D. João III promoveu-lhe obras de amplo restauro, mas no tempo de D. Sebastião a casa dos cónegos Agostinhos ameaçava ruina, razão da reedificação por ordem de Filipe I.

A paróquia foi criada por D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa, no próprio ano da conquista da cidade. Pela circunstância de o mosteiro ter sido, em 1541, isento da jurisdição episcopal, se denominou S. Vicente de Fora *(fora da jurisdição) designação que passou à igreja e à freguesia, e que persiste na tradição oral.*

Em princípio de Fevereiro de 1836 foram incorporadas na freguesia eclesiástica de S. Vicente as de S. Tomé e do Salvador, mas que de facto se podem considerar extintas.

Para mais amplo conhecimento da história da igreja e do mosteiro veja-se «Inventário de Lisboa», fascículo 1.º, pág. 61 e seguintes.

INVENTÁRIO

A igreja paroquial de S. Vicente — monumento nacional — assinala-se pelo seu decorativo Exterior, pelo corpo da igreja, transepto, capela-mor, coro dos cónegos, cláustros, documentos de cerâmica, sacristia seiscentista e várias dependências.

Veja-se o seu Inventário pormenorizado no fascículo 1.º desta obra, pág. 63 e seguintes.

IGREJA DE S. VICENTE

Capela-mor, transepto e parte da nave, vistos do coro

IGREJA DE S. MIGUEL

Topo da igreja e capela-mor

IGREJA DE S. MIGUEL

Século XII

Fundação	1150 (?)
Reedificações	1220 e 1674
Amplos restauros	3.º quartel do Séc. XVIII
Restauros	1880
Paróquia	2.º quartel do Séc. XII

[Freguesia civil de S. Miguel]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Miguel, de Alfama, tal qual hoje se apresenta, é uma edificação seiscentista, posto que restaurada depois do Terramoto.

A primitiva Igreja de S. Miguel remonta, segundo alguns escritores, aos primeiros tempos da monarquia, coeva da de Santo Estêvão, ou mesmo anterior (1150?); há certa notícia de que foi restaurada, ou reedificada pela primeira vez, em 1220, no reinado de D. Afonso II. Teria sofrido novos restauros no século de quinhentos, mas positivo é que foi reedificada, desde os alicerces em 1674. Pertencera ao padroado real.

O Terramoto arruinou-a bastante, abatendo parte do tecto, o coro, as torres e abrindo as paredes, o que impôs restauros que não constituíram uma reedificação, e já estavam concluídos dentro do terceiro quartel do século XVIII. Voltou a ser restaurada com amplitude em 1880.

A paróquia de S. Miguel, se não recua talvez tanto como a primitiva igreja, é também das muito antigas de Lisboa, não sendo ousado admitir que existisse já no segundo quartel do século XII.

Depois do Terramoto, e até ao restauro do templo, cujo período exacto de obras se não pode fixar, a paróquia albergou-se numas casas do Campo da Lã.

A igreja de S. Miguel, no seu interior, constitui um curioso espécime seiscentista no revestimento e adornos.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Miguel, orientada a Poente, situa-se ao cimo de uma pequena elevação, que corresponde ao cómoro primitivo e então desafogado.

Exterior

Quanto ao *Exterior* anota-se:

A **Frontaria,** num corpo único pobre, e nela:

Três *portões,* ao cimo de um estreito adro guarnecido de cortinas de grades, sendo o do centro mais largo e alto, guarnecido de cantaria e rematado por frontão, no fecho interior do qual se situa a cabeça de um anjo;

Três *janelas* iluminantes, coroadas de ática;

O *espaldar,* ao centro alto do edifício, no qual se contém um nicho, e, dentro dele, uma imagem de pedra colorida, de S. Miguel.

Duas *torres,* uma de cada lado da frente da frontaria, sendo a do lado Sul a sineira.

Interior

A igreja de S. Miguel no seu Interior tem semelhanças com a dos Anjos e com a dos Paulistas (na capela-mor), posto que menos exuberante nas talhas ricas e escultura em madeira do que aquela última.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja,** de nave única, e nele:

O *tecto,* apainelado, em madeira, com quinze quadrelas com pintura ornamental (semelhante às do tecto de Santos-o-Velho), representando emblemas eucarísticos, com figuração de anjos na quadrela central;

O *coro,* pobre, assente sobre três arcos de madeira;

Seis *capelas,* três por cada lado, com arco de madeira, e que se discriminam: pela esquerda, a de Santo António, cujo altar é todo revestido de *talha,* a ouro e branco, com estilizações de escultura e nichos; a do Senhor Jesus das Almas com altar de *talha* mais rico do que o precedente, e com boa escultura em madeira; a do Santíssimo, antiga, presentemente encerrada, com porta de grades de madeira, e um retábulo representando Santo António, no fundo do altar; pelo lado direito, a de S. Sebastião, cujo altar de *talha* é idêntico ao da capela fronteira (de Santo António); a de Nossa Senhora das Dores, com rico altar de *talha* em tudo idêntico ao da capela correspondente do lado oposto; uma capela antiga, desarmada, sem altar, da qual só existe o retábulo do fundo;

Dois *altares* nos topos, aos lados da capela-mor, sendo o da esquerda do Coração de Jesus e o da direita de Nossa Senhora da Conceição;

Dezasseis *quadros,* emoldurados em talha dourada, ocupando todos os espaços e contornos livres das paredes laterais e dos topos, representando os doutores da Igreja, cenas do Novo Testamento e passos bíblicos, pintura atribuída a Bento Coelho da Silveira;

Três *tribunas* por cada lado, colocadas superiormente às capelas, com balaustrada rasa, e ligadas interiormente por corredor;

Teia circundante, com balaustrada.

A **Capela-mor,** que representa um pequeno museu de talha cobrindo tecto, paredes e fundo do altar; e nela:

O *tecto,* em arco de volta redonda, todo em escultura dourada de madeira;

O *Altar-mor,* com guarnição, base e remate de talha e escultura de figuração, e, nele, ao centro, sob o trono, a imagem de S. Miguel, e aos lados, em nichos, as de S. José e Nossa Senhora da Boa Viajem;

O *revestimento* das paredes, em mármores até meia altura, e daí para cima em boa talha, com escultura e lavores de madeira dourada, tendo em nichos as imagens dos quatro Evangelistas.

(Na igreja de S. Miguel existem muitas imagens de boa escultura, de madeira, seiscentista, espalhadas pelos altares das capelas, entre elas nomeadamente a de Nossa Senhora das Dores, proveniente de Xabregas, a do Senhor Jesus da Pobreza, a da Senhora do Rosário, a da Senhora da Purificação, de Sant'Ana e a de Santo António).

IGREJA DE SANTA CRUZ DO CASTELO

Século XII

Fundação	Antes de 1168
Restauros e transformações	Séc. XVI e XVII
Reedificação	4.º quartel do Séc. XVIII
Paróquia	Antes de 1168

[Freguesia civil do Castelo]

Breve notícia histórica

A Igreja de Santa Cruz do Castelo é uma reconstrução ao século XVIII, após o Terramoto. A primitiva igreja denominava-se de Santa Cruz de Alcáçova, e segundo tradição verosimil foi fundada por D. Afonso Henriques depois da conquista de Lisboa, em 1147, e instalada no local onde existia uma mesquita moura, certamente transformada em templo cristão. A igreja já aparece citada numa escritura de Maio de 1168, o que não implica que não tivesse existido antes. A denominação de Santa Cruz do Castelo é ainda do tempo do primeiro Rei, embora as «Inquirições» de 1248 e 1279 a designem ainda por Santa Cruz da Alcáçova; ela teria de seu começo, invariàvelmente, as duas denominações.

A igreja recebeu sem dúvida transformações, ampliações e restauros no decorrer dos séculos, mormente no século XVI, depois do sismo de 1531. No segundo quartel do século XVII a igreja tinha, segundo Coelho Gasco, uma porta principal e outra travessa, esta sobre um adro muito grande, mas no final desse século, segundo Carvalho da Costa, já existiam três portas, a principal voltada ao Sul e as outras a Poente e a Nascente (resultado das obras anteriores a 1699?) e o corpo da igreja ostentava três naves. Seis anos antes do cataclismo foi sugeita a novos restauros.

O Terramoto arruinou muito a igreja, que teve de ser reconstruída sob diversa traça, começando as obras em 1776 — data inscrita na actual porta principal — mas não se encontrando concluídas em 1783, pois nesse ano as paredes estavam levantadas só até à cimalha e apenas a capela-mor já coberta.

A paróquia, que data da fundação da igreja, abrangia e abrange o recinto murado do bairro do Castelo.

INVENTÁRIO

A igreja de Santa Cruz do Castelo nada tem em arquitectura que a torne notável. Situa-se no largo do mesmo nome, com a fachada para o Poente. A capela-mor encosta-se à muralha do Castelo, servindo uma das torres da cerca de base à torre sineira.

Exterior

Quanto ao *Exterior,* assinala-se:

A Frontaria, corpo central com leve saliência sobre dois corpos laterais e servida por pequeno adro ao nível da rua e sem cortina, e nela:

O *portal,* com ombreiras e verga de cantaria sem ornatos, rematado por ática, e nela os emblemas da Paixão e o ano do restauro, 1776;

Três *janelas* iluminantes do coro, com moldura de cantaria e ática, tendo a central, maior, avental de pedra;

Timpano com óculo iluminante, com vidros amarelos e vermelhos;

Nas trazeiras *torre* com quatro ventanas e grimpa;

Na empena Norte *porta* com ombreiras simples, de pedra, sobreposta por nicho, uma e outro do século XVIII.

Interior

No interior do templo aponta-se:

O **Corpo da igreja,** de uma só nave, e sem transepto, e nele:

O *tecto,* abaulado, de estuque, com quatro quadrelas pintadas de branco e azul;

O *coro,* com varanda abalaustrada, de madeira pintada;

O *baptistério* com escultura de pedra policromada, repersentando a Santíssima Trindade (século XIV, provém da ermida do Espírito Santo);

Seis *capelas,* a que correspondem na altura superior outras tantas tribunas de iluminação, sendo, do lado do Evangelho, a primeira dedicada a Nossa Senhora de Fátima e S. Máximo, a segunda ao Coração de Jesus e Senhora de Lourdes, a terceira a S. João (antiga do Santíssimo — *retábulo* «A Ceia»). Do lado da Epístola, a primeira do Santo Crucifixo e Santo António, a segunda, de S. Miguel, S. Pedro e Senhora da Conceição imagem do século XVIII) e a terceira, da Senhora do Rosário e S. Jorge;

Nos topos, em *nichos,* à esquerda, Santana, e à direita, Santa Bárbara (imagens do século XVII);

Dois *púlpitos,* com grade de madeira pintada.

A Capela-mor, e nela:

O *arco triunfal,* rematado por nicho com um Crucifixo;

O *tecto,* com pintura ornamental sobre estuque, representando a «Descida da Cruz». Duas *tribunas* e duas *janelas* por lado;

O *altar-mor* com retábulo de tábua «Descida da Cruz» que pertenceu igualmente à antiga ermida do Espírito Santo (desaparecida com o Terramoto) e mal adaptada.

Do lado do Evangelho, na parede, a *sepultura* de D. Isabel de Sousa, camareira-mor da rainha D. Leonor, falecida em 1516.

A **Sacristia**, na qual se vêm duas imagens, de madeira estofada, do século XVII (Nossa Senhora dos Perdões e S. Jorge) e várias telas (uma, S. Jorge a cavalo); a *Arrecadação*, onde se guarda outra bonita imagem da Senhora com o Menino, da mesma época, de madeira também estofada e dourada, e um *relicário* com o Santo Lenho, de ouro com pedras preciosas. No primeiro andar (entrada pelo largo) a antiga casa de despacho da Irmandade de S. Jorge, e nela os adereços que serviam na procissão do Corpo de Deus entre eles a armadura do «homem de ferro».

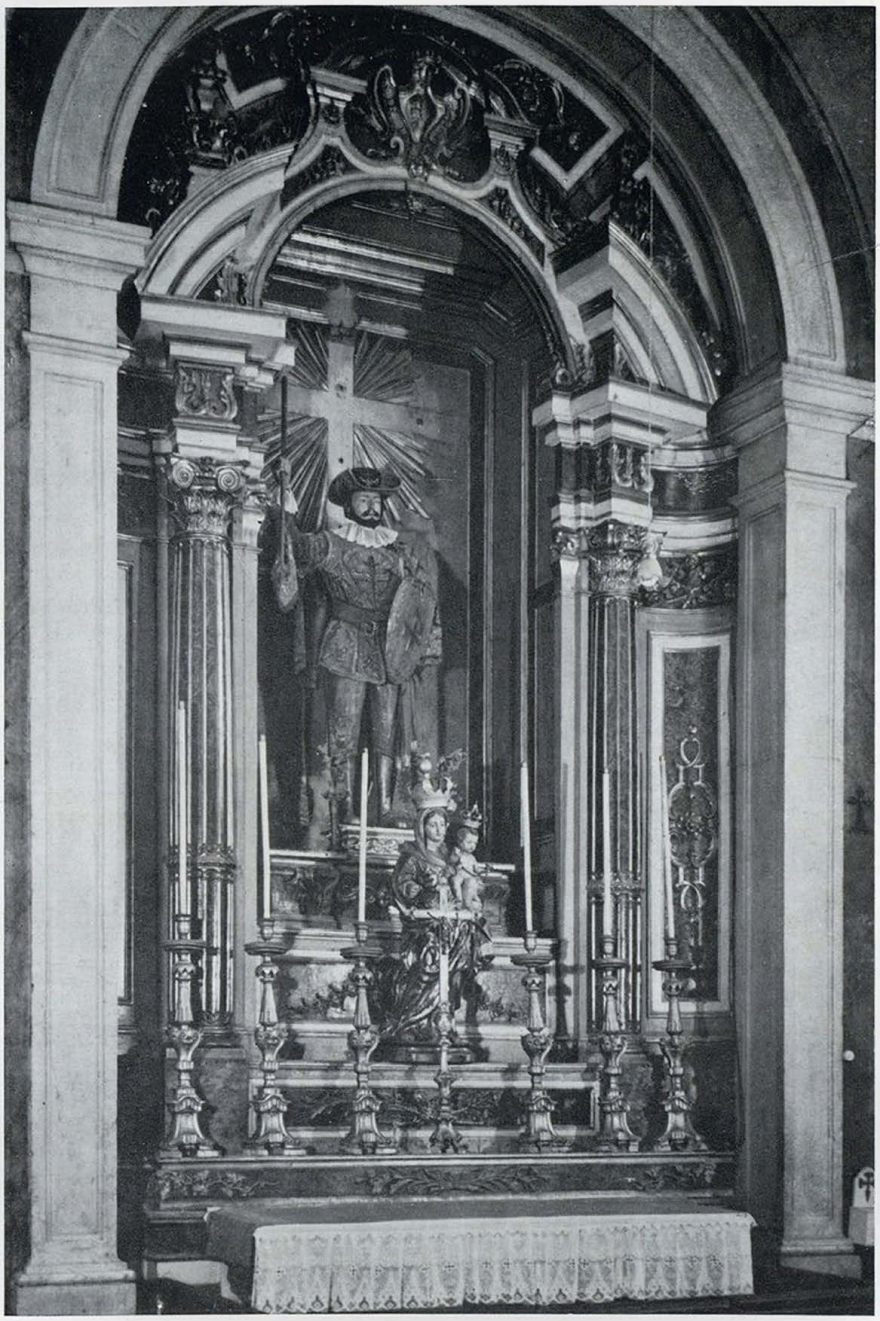
(Na igreja estão expostas numerosas telas representando Santos e vários Cartuxos, todas dos séculos XVII e XVIII, de mediana pintura e cuja proveniência se ignora. As duas imagens de maior valia são as de S. Jorge, que figurava na tradicional procissão, e o Crucifixo do altar-mor, venerado, segundo a tradição, na capela real do paço da Alcáçova e que, conforme a tradição também, dirigia a palavra à rainha Santa Isabel).

[A primeira irmandade de S. Jorge foi fundada, diz-se, pelos Ingleses, na igreja dos Mártires, no meado do século XII, trasladando-se depois para S. Domingos (1241) e, fundado o Hospital real de Todos os Santos, para ele (final

A Torre de Santa Cruz
vista do largo do Menino-Deus

do século XV). Fixou-se em Santa Cruz depois do Terramoto. A procissão do Corpo de Deus, onde a representação de S. Jorge tinha o papel principal, vem do reinado de D. Afonso III. Teve duas épocas de renome: o século XV, pelo pitoresco, o reinado de D. João V pelo fausto].

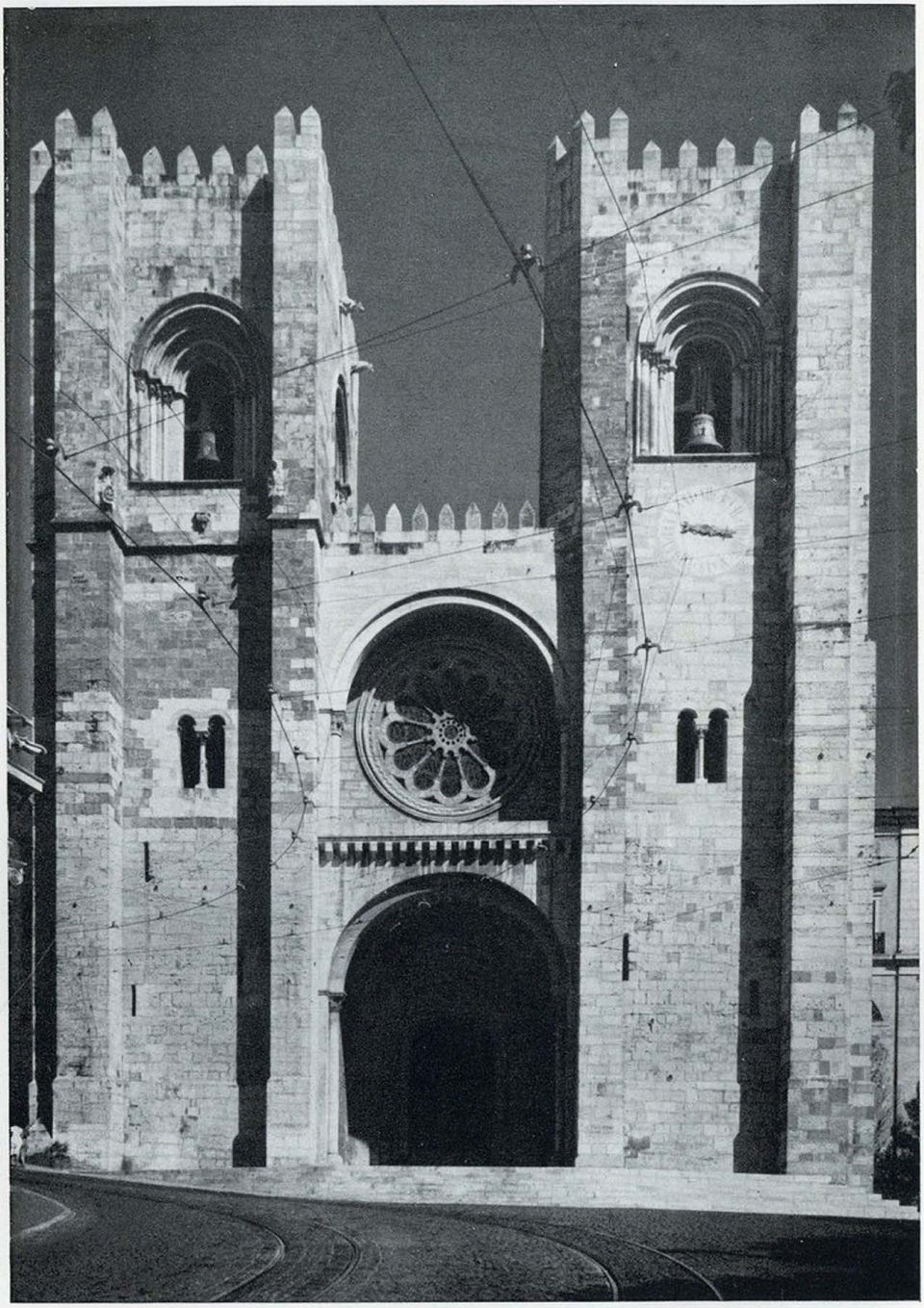
IGREJA DE SANTA CRUZ DO CASTELO



Capela de S. Jorge e da Senhora do Rosário

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

IGREJA DA SÉ



Fachada principal

IGREJA DA MADALENA

Século XII

Fundação	Antes de 1164
Reedificação	1262 e 1372
Restauros	1600 e 1692
Reedificação	1761
Paróquia	1164

[**Freguesia civil da Madalena**]

Breve notícia histórica

A igreja de Santa Maria Madalena é uma reedificação integral do período imediato ao Terramoto, e pouco conserva da primitiva estrutura, havendo, contudo, sido mantida a planta do templo.

A primitiva igreja já existia em 1164. Foi reedificada em 1262, restaurada depois do incêndio provocado pelo cerco castelhano a Lisboa em 1372, novamente objecto de amplos restauros em 1692, e, finalmente, incendiada por efeitos do cataclismo de 1755, que apenas poupou parte da sacristia. A reconstrução do templo principiou em 1761, ficando patente aos fieis em Julho de 1783, apesar de as obras não estarem concluídas. Foi seu arquitecto João Paulo.

No século passado a igreja da Madalena recebeu restauros vários, nomeadamente em 1840 e 1880, ano em que foi cortado o adro, então avançado sobre a rua, e em 1884.

A paróquia da Madalena data, pelo menos, de 1164. Depois do Terramoto a freguesia instalou-se, de começo, num barracão onde assistia a paróquia da Conceição Nova, e passou em 1758 para a igreja de S. Martinho, ao Limoeiro. Em 1766 foi ocupar a sacristia da primitiva igreja, e que o fogo não devorara.

O portal manuelino da Igreja da Madalena — «monumento nacional» — é dado por alguns escritores como sobrevivência do templo anterior ao Terramoto e por outros como havendo feito parte da igreja antiga de Conceição dos Freires; parece ser esta a versão mais verosimil, até porque se encontra emoldurado por uma guarnição que, essa sim, é do período da última reedificação.

INVENTÁRIO

A igreja da Madalena, orientada a Poente, situada com a fachada para o largo da Madalena, é do tipo modesto das construções sacras do terceiro quartel do século XVIII.

Exterior

Anota-se:

A **Frontaria,** cortada por pilastras simples, e, nela:

Os três portões, sendo os laterais, mais estreitos, ladeados de colunas delgadas e rematados por arco de volta redonda, e o do centro, emoldurado também por delgadas colunas que apoiam o arco de volta abatida. É dentro da moldura do portão central que se ostenta o pórtico *manuelino,* composto por três colunas que se retraem, com verga tricircular coroada por duas esferas armilares, ilustrando-se o intradorso de ornatos caprichosos;

Três janelas sobre os portais e tímpano com óculo iluminante. A torre, com quatro ventanas e grimpa, sobre um corpo lateral do lado Sul.

Interior

No interior da igreja assinala-se:

O **Corpo da igreja,** e nele:

O *tecto,* em abóbada de arco, com cinco tramos, cada um com pintura central e duas em medalhões, nos quais estão representados os Apóstolos;

O *coro,* apoiado por três pilastras;

Oito *capelas,* três de cada lado e uma em cada um dos topos, emolduradas por arco de cantaria de volta redonda, com guarnições de altares de madeira imitando pedra e com dourados; merecem referência as capelas dos topos, reentrantes, do Santíssimo, do lado do Evangelho, no qual se vê um retábulo, «A Ceia», de Pedro Alexandrino, e a do Senhor Jesus dos Perdões, lado da Epístola, muito tradicional, e cuja imagem (Valentim Gomes) não é a primitiva;

Quatro *quadros,* dois em cada ângulo do cruzeiro, com guarnições de estuque coroadas de áticas, e que representam, da esquerda para a direita: S. Tude, Apresentação no Templo, Sant'Ana com Nossa Senhora e S. Miguel, pintura de Pedro Alexandrino (estas telas, até às obras de 1884, constituiram os retábulos de fundo das quatro capelas extremas do corpo da igreja).

A **Capela-mor,** além de uma teia de mármore em balaustres, com duas portas por lado, e nela o *tecto,* de abobadilha; as paredes, forradas na parte livre de mármore rosa; o *altar-mor,* ocupando toda a parede do fundo, em madeira, e no qual se encontra o *retábulo* «Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos» de Pedro Alexandrino, móvel, que fecha o trono e o camarim de exposição; quatro quadros em tela, dois de cada lado, representando passos da vida de Santa Maria Madalena: o Arrependimento, a Aparição de Jesus, a Penitência e no Calvário, obra de Pedro Alexandrino;

a *imagem* da Padroeira, no altar-mor, boa escultura de José de Almeida, mas também atribuída, com certa verosimilhança, a Machado de Castro;

A **Sacristia,** principal, na qual se encontram, no altar, um retábulo de Nossa Senhora da Piedade, e vários quadros, entre os quais S. Tomé, de Pedro Alexandrino, Santo António perante Nossa Senhora, cópia de um quadro de André Gonçalves que está na Igreja do Menino Deus, o Martírio de S. Pedro de Gusmão, os Mártires de Marrocos, um outro Santo António, que proveio de uma capela que existia na Alfândega.

(Na Igreja da Madalena conservam-se várias imagens antigas, dos séculos XVII e XVIII, de certo merecimento, provenientes, na maior parte, do desaparecido convento dos Camilos, tais como S. Camilo de Leslis, numa mísula do altar-mor, e a de Nossa Senhora da Conceição na capela desta invocação, além da de S. Tude, no arco da capela-mor, Santa Margarida de Crotona, na sacristia, da de S. José e de Nossa Senhora com o Menino. A de Nossa Senhora de Belém adveio da histórica ermidinha desta invocação (século XIII) que existiu no desaparecido e vizinho Hospital dos Palmeiros).

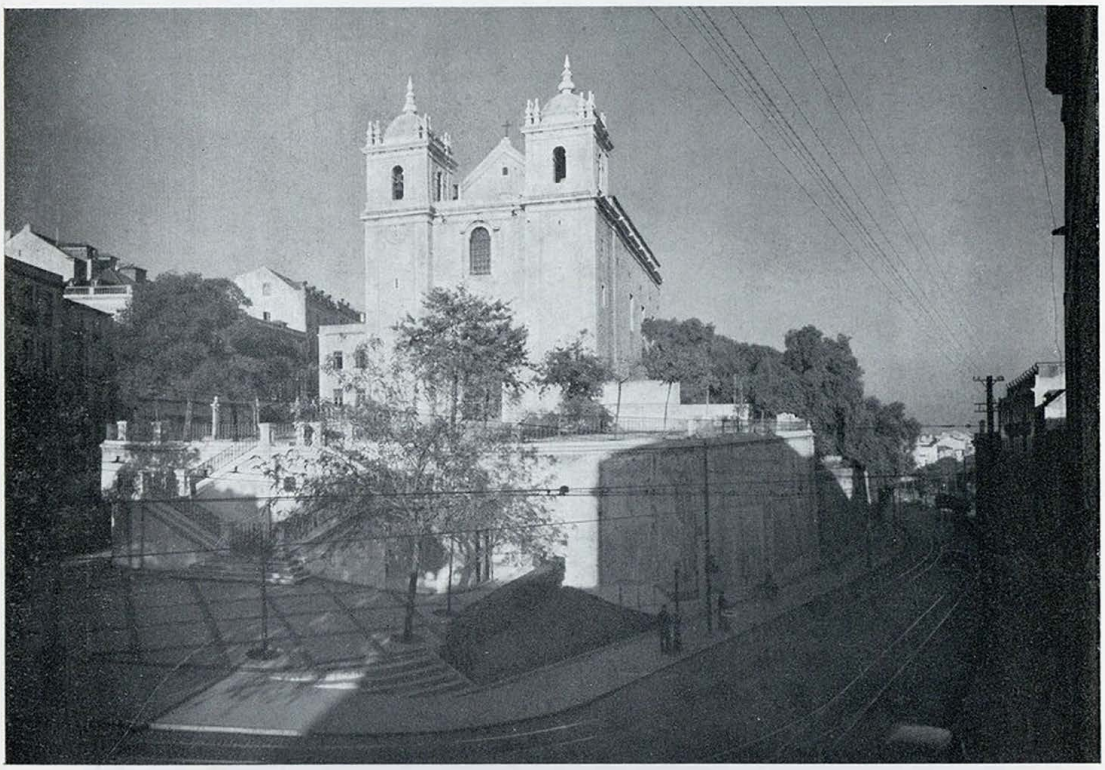
Fachada da Madalena

IGREJA DA SÉ

Perspectiva da nave central

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

IGREJA DE SANTOS-O-VELHO



Aspecto geral do adro e da igreja

IGREJA DA SÉ

(SANTA MARIA MAIOR)

Século XII

Fundação.	2.ª metade do Séc. XII
Transformações e ampliações	Séc. XIII a XVII
Restauros.	2.º e 3.º quartéis do Séc. XVIII
Reintegração	1899-1940
Paróquia	c.ª 1150

[Freguesia civil da Sé]

Breve notícia histórica

A igreja da Sé — Santa Maria Maior — é o único monumento sacro, de fundamento românico, existente em Lisboa, e, com exclusão do Castelo, o mais antigo documento monumental da cidade.

O templo foi fundado por D. Afonso Henriques em 1147, logo após a tomada de Lisboa, prolongando-se as obras por toda a segunda metade do século XII. Ao estilo românico foi gradualmente acrescido o gótico ou ogival, ainda no final do século XII e princípios do século XIII (anexos do lado Norte), que acabou por predominar no final deste século e meados do século XIV (cláustro, capela de Bartolomeu Joanes, deambulatório, capelas absidais e capela-mor).

No século XVI a igreja da Sé recebeu transformações na capela-mor, refeito em estilo clássico, e em muitos elementos das naves e capelas, e no século XVII essas transformações acentuaram-se, sendo então construída a actual sacristia.

O Terramoto arruinou grandemente o velho templo, ruindo a torre sineira sobre o cruzeiro, a torre Sul, dependências e altares. As obras de restauro iniciadas em 1760 e concluídas em 1781 impusarem-se por extensão, em todo o templo, mantendo-se a estrutura do pseudo estilo clássico nas naves e capela-mor.

Obras de reintegração foram levadas a efeito, com longas intermitências, de 1899 a 1940, reaparecendo o semblante românico e gótico, no exterior e no interior, e mantendo-se apenas a capela-mor, a do Santíssimo e algumas do cláustro de D. Dinis, no seu aspecto anterior.

A paróquia já estava criada em 1150, senão antes, com um cura ou reitor. Durante o período das obras, após o Terramoto, a freguesia eclesiástica esteve instalada em vários templos, sucessivamente: ermida de N. Senhora da Glória, igrejas de S. José, Menino Deus e S. Roque; em 24 de Dezembro de 1781 voltou à Sé.

A freguesia de Santa Maria, ou da Sé, foi mandada anexar a de S. João da Praça, em 1885, com um único pároco, mas os actos paroquiais da freguesia da Sé realizam-se, desde Novembro de 1984, na igreja de S. João da Praça.

Veja-se «Breve notícia histórica» da Igreja da Sé, no «Inventário de Lisboa», fascículo 1.º, pág. 25 e 26.

INVENTÁRIO

Na igreja da Sé há a considerar as suas fachadas principal e laterais, as torres, as naves, o transepto, a capela-mor, o deambulatório, as capelas afonsinas, o cláustro de D. Dinis, as várias dependências, como a sacristia, casa do capítulo (antiga), Casa do Tesouro, as capelas de Bartolomeu Joanes e de S. Vicente.

Veja-se o seu Inventário pormenorizado no fascículo 1.º desta obra, pág. 27 e seguintes.

IGREJA DE SANTOS

Século XII

Fundação	2.ª metade do Séc. XII
Reconstruções . .	Depois de 1556 e depois de 1615
Restauros	3.º quartel do Séc. XVIII
Reedificação . . .	Último quartel do Séc. XIX
Paróquia	1556

[**Freguesia civil de Santos**]

Breve notícia histórica

A igreja de Santos (Santos-o-Velho) corresponde a uma reconstrução quase integral do século passado, determinada pelo Governo em 1876, mas cujas obras se prolongaram, continuando em 1889. O templo primitivo, sob cuja mesma traça o actual foi reedificado, e que pouco sofrera pelo Terramoto, estava então em perfeita ruína, chegando a aventar-se a sua demolição.

A primitiva igreja de Santos remontava ao reinado de D. Afonso Henriques, que a mandara erigir no local em que, segundo tradição piedosa, haviam sido martirizados no ano 303 três crianças romanas, Máximo, Veríssimo e Júlia — os Santos Mártires do orago —, cujo túmulo debalde o primeiro rei teria procurado. O templo foi doado por D. Sancho I aos freires da Ordem de Santiago, cujas casas então se ergueram junto à igreja, e foram mais tarde convertidas em mosteiro de Comendadeiras de S. Tiago.

A igreja primitiva foi reconstruída no século XVI, depois de 1556, e no século XVII, depois de 1615, e a que chegou ao Terramoto em coisa alguma se assemelharia ao templo afonsino. A actual igreja de Santos no seu interior pouco conserva de antiguidade, que a sua remota fundação justificaria, e os elementos dispersos mais antigos não vão além do século XVII.

A paróquia de Santos (Santos-o-Velho) foi criada, formalmente, em área desanexada da dos Mártires, em 1556, no tempo em que o Mosteiro desaparecera já com a transferência das Comen-

dadeiras para o sítio da Cruz da Pedra — Santos-o-Novo —, e no seu lugar se elevara o Paço Real de Santos, passado em 1629 aos Lencastres, dos quais descendem os Marqueses de Abrantes, que foram padroeiros da capela-mor, edificada, tal como se encontra, depois de 1840.

Os actuais anexos da igreja foram construídos em 1901, substituindo umas velhas casas que a irmandade mandara erigir em 1648.

O adro exterior, com a escadaria (1940) sobre o terminus da Calçada de Santos, é também construção do século passado, substituindo o adro primitivo, que era mais avançado para Sudoeste.

INVENTÁRIO

A igreja de Santos, orientada a Poente, eleva-se sobre um vasto adro, com cortina de grades, e servido por uma escadaria de dois lanços desdobrados.

Exterior

Quanto ao exterior, anota-se:

A **Frontaria,** mantida pela reconstrução, simples, e nela:

O *portal* único, de porta gradeada emoldurada de arco; um *baixo relevo* rectangular, sobrepujando a porta, representando os mártires Máximo, Veríssimo e Júlia; um *janelão,* emoldurado de cantaria lavrada e coroado de ática; as *torres,* apoiadas nos corpos laterais extremos (num dos quais foram colocados recentemente dois mostradores de relógio), cada uma com quatro ventanas, e rematadas por cúpula ornada de acrotérios; o *frontão,* recuado, com pequena janela iluminante.

A *galilé,* lageada, e nela:

O portal da igreja (século XVIII) emoldurado de pilastras de mármore e encimado por lavores de cantaria; um portal, mais simples à esquerda, comunicação antiga com o coro; a *capela dos Santos Mártires,* muito pequena, à direita, restaurada em 1919, sobre anterior restauro realizado em 1821, capela já existente no século XV para sepultura dos ossos dos três mártires, encontrados, segundo tradição escrita, em 1490, e, nela, um minúsculo *altar* de mármore e cantaria com as imagens dos três mártires, uma outra câmara, com um painel de *azulejos* setecentistas, situada sobre o lugar de uma antiga cripta (sepultura que foi dos ossos dos mártires), de há muito soterrada, uma *lápide,* no chão, em mármore rosa, que atesta a versão da sepultura dos mártires naquele lugar (as pretensas ossadas dos mártires encontram-se no mosteiro de Santos-o-Novo).

Interior

No interior da igreja de Santos, de revestimento de estuque liso, assinala-se:

No **Corpo da igreja:**

O *tecto,* em abóbada de arco, de madeira, composto por setenta e duas *quadrelas de pintura* policroma e dourada, divididas por oito tramos regulares e geométricos, representando alegorias da Eucaristia entre ornatos, e tendo ao centro uma alegoria mais pronunciada sem decoração e que parece posterior à factura da pintura global;

O *coro,* com varanda em curva, de madeira de pau santo, mas dourada, em balaustres, assente sobre seis mísulas, de madeira dourada;

O *baptistério,* à esquerda do guarda-vento, revestido de silhares historiados de azulejos setecentistas;

Seis *capelas* laterais, três por cada lado, cujos altares de madeira, de emolduração pobre, têm ao fundo camarim de imagem; discriminam-se, pelas invocações antigas que se mantêm: pela direita, Nossa Senhora da Bonança, Santo António e Coração de Jesus, e, pela esquerda, S. Miguel, Santa Luzia e Nossa Senhora da Piedade.

Uma *capela,* de Nossa Senhora da Conceição, no topo, ao lado direito da capela-mor;

A *capela,* antiga, do Santíssimo, actual dos Passos, cujo tecto é sustentado por quatro colunas de estuque rosa, imitando mármore, e em cujo fundo de altar se vê o quadro «A Ceia» (António Sapeiro?);

Uma pia de água-benta, à entrada da igreja, datada de 1615;

Seis *janelas* iluminantes, sobre as capelas, e dois púlpitos de madeira dourada sobre peanha de cantaria;

A *teia* circundante, de madeira negra com balaustres.

A Capela-mor (século XIX), e nela:

O *tecto,* de abóbada de arco, em estuque com ornatos e com emblema eucarístico dourado no centro;

O *altar-mor,* emoldurado por colunas de estuque imitando mármore rosa, assentes sobre bases de mármore em placas e de cantaria, e, nele, sob o trono, as imagens, pequenas, dos três mártires padroeiros;

Duas *tribunas,* uma por cada lado, em *triplice arcaria* e balaustrada corrida de cantaria, tendo a do lado da Epístola, ao centro, o brazão de armas dos Marqueses de Abrantes, de cujo palácio era privativa (a sua comunicação com o actual palácio da Embaixada da França foi entaipada há poucos anos).

Duas *sacristias,* encontrando-se na do lado esquerdo uma *lápide* seiscentista, rematada por emblema da Eucaristia (1684) e uma *imagem* de Cristo crucificado, de *marfim,* talvez do século XVII; na do lado direito quatro *quadros* representando santos, pintura setecentista, e, dentro de um oratório de vidro um Cristo crucificado, de *marfim,* com a cruz de prata rendilhada e a base de prata e ébano, contendo, em nichos, figuras miniaturas esculpidas em marfim.

(Na Igreja de Santos as imagens são antigas, e, entre elas, uma bela escultura do Anjo Custódio, e outra, vestida, de Nossa Senhora de La Salette, proveniente do convento das Albertas).

IGREJA DE S. NICOLAU

Aspecto parcial da igreja

BIBLIOTECA DE LISBOA

IGREJA DE S. TIAGO

Capela de Nossa Senhora, a Franca

IGREJA DE S. NICOLAU

Século XIII

Fundação	Entre 1209 e 1229
Reedificações e restauros	Séc. XIII, XVI e XVII
Reconstrução total	Séc. XVIII e XIX
Paróquia	1209

[**Freguesia civil de S. Nicolau**]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Nicolau, tal qual se encontra, é uma reedificação integral posterior ao Terramoto, cujas obras começaram em 1775-1776, e não estavam ainda concluídas em 1783; em rigor só terminaram em 1850.

Substitui no mesmo local, mas com orientação diversa, o primitivo templo arruinado pelo sismo de 1755, e que datava do primeiro quartel do século XIII, o qual, por sua vez fora reedificado em 1280 por mandado do bispo D. Mateus, beneficiara de amplos restauros no século XVI e recebera nova reedificação radical em 1616-1627.

A paróquia existe desde a época da fundação da igreja, que pertenceu ao padroado real e foi das mais opulentas de Lisboa, com colegiada própria.

Durante as várias reedificações e restauros na igreja a sede paroquial instalou-se na ermida da Vitória (1606-1627), numa barraca do Rossio, na capela de Nossa Senhora da Pureza, na calçada da Glória, e novamente na restaurada ermida da Vitória, no período da reedificação post *Terramoto; só em 1803 voltou à sua sede própria, a actual, instalando-se numa barraca provisória dentro da nova igreja, esta longe de estar concluída.*

Na segunda metade do século passado a igreja de S. Nicolau era das mais concorridas de Lisboa.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Nicolau é das poucas de Lisboa orientadas a Norte.

Exterior

No seu *Exterior*, revestido de cantarias, assinala-se:

A **Fachada principal,** cortada verticalmente por seis pilastras, sendo os corpos extremos laterais arredondados, particularidade que se não nota noutro qualquer templo de Lisboa; e nela:

O *portal central,* coroado de ática e arquitrave lavrada, na cantaria, e os *portões* laterais, simples; uma cortina gradeada com portas, acompanha a frontaria de lado a lado;

Três *janelas,* colocadas superiormente aos portões, sendo a do centro rematada de arco e arquitrave;

O *frontão,* simples, com óculo, e tendo nos extremos acrotérios flamejantes.

Dois *corpos laterais,* a uma altura correspondente, o da esquerda, à capela do baptistério, e o da direita à dependência onde se encontra instalado um «Museu» de alfaias e paramentos.

Interior

No *Interior* da igreja, de uma só nave, há a anotar:

O **Corpo da igreja,** revestido de mármores de vários tons na parte livre das paredes, e de cantarias, e nele:

O *tecto.* de arco redondo perfeito, dividido em cinco tramos, cujas extremidades laterais, de aresta, correspondem a outras tantas janelas iluminantes, com varanda, tendo nos quatro tramos, a contar do arco do cruzeiro, *pinturas centrais,* representando, a primeira a «Fé, Esperança e Caridade», e as outras três outros tantos passos da vida de S. Nicolau, adornando-se ainda os tramos de medalhões (oito), quatro representando os Doutores da Igreja e quatro os Evangelistas, tudo pintura atribuída a Pedro Alexandrino; o tramo final contém apenas pintura ornamental;

O *coro,* apoiado em três arcos de volta abatida, sustentados por duas pilastras simples de quatro facês; e no qual, ao fundo, se encontra uma tela, representando S. Miguel, que fazia parte de um dos fundos das capelas da nave; o órgão que se encontra neste coro provém do convento de S. Félix e Santo Adrião, em Chelas.

O *baptistério,* capela reentrante, à esquerda do guarda-vento, constituída pelo recheio de uma «Capela da Terra Santa», que pertenceu ao convento de S. Francisco; e nele: dois revestimentos de talha, formando *relicários,* um de cada lado; um altar, em madeira, tendo ao fundo uma tela representando Nossa Senhora (também proveniente do convento de S. Francisco);

Três *capelas* por cada lado da nave, com altares de estuque imitando mármore, trabalho que acusa o final das obras da reedificação que já não condiz com a relativa nobreza de materiais de que o templo se reveste; a terceira das capelas do lado esquerdo, antiga do Santíssimo, e actual do Senhor dos Passos, revestida de mármores, com tecto de cúpula de lanternim, e tendo ao fundo do altar um retábulo representando, em composição original, única nas capelas do Santíssimo de Lisboa, uma alegoria à Eucaristia;

O *arco da capela-mor,* em cujo centro se vêm as armas reais, e, acima, em pedra emoldurada de lavores, um nicho, sem imagem ou escultura;

A **Capela-mor,** que é a dependência mais antiga da reedificação, revestida de mármores, e nela:

O *tecto,* de abobadilha, representando, a fresco, a «Glória de S. Nicolau», pintura de António Manuel da Fonseca;

O *altar-mor,* guarnecido de colunas de mármore, coroado de uma composição escultórica na qual se vêem os emblemas de S. Nicolau; a imagem do Santo bispo padroeiro; quatro tribunas, duas por cada lado.

A Sacristia paroquial, em cujo tecto, de estuque, está representada numa alegoria a «Igreja esmagando a Heresia», entre ornatos a claro-escuro; e nela, um grande frontal de relicários, todo em talha dourada, com vinte e duas pequenas imagens, peça proveniente do convento da Esperança;

A Sacristia da Irmandade, em cujo tecto, em estuque, se representa, em pintura a têmpera, uma alegoria ao S. Sacramento, entre ornatos a claro-escuro; e, nela, um frontal de relicários, com guarnições de molduras do tipo de D. João V, tendo ao centro um *quadro* a óleo representando S. Vicente de Paulo, peça valiosa que foi do convento da Rilhafoles. (O rico arcaz pertencente a este espaldar de relicários conserva-se na Casa da Irmandade, em um andar superior).

O **Museu,** anexo à Igreja, no qual se conservam ricos paramentos e alfaias advindas de vários conventos e igrejas extintas.

(Na Igreja de S. Nicolau conservam-se, nas capelas e nas sacristias, imagens antigas, algumas delas boas esculturas, entre elas as de Nossa Senhora das Dores, Senhor Crucificado e Nossa Senhora do Monte Carmo, que pertenceram ao vizinho convento de Corpus Christi (Torneiros); de Santo Agostinho, que proveio do convento da Boa Hora; de Santo Elói e de Nossa Senhora da Assunção que pertenceram à ermida desta invocação; a de S. José, que fez parte do recheio da igreja de S. José de Ribamar. Em dois altares do corpo da igreja encontram-se, no lugar do frontal, as imagens, vestidas, de S. Bonifácio e de Nossa Senhora da Vitória, que pertenceram ao convento de S. Francisco).

IGREJA DE S. TIAGO

Século XIII

Fundação.	Entre 1209 e 1229
Restauros.	2.º quartel do Séc. XVI
Reconstrução	Séc. XVII
Reedificação.	4.º quartel do Séc. XVIII
Restauros.	1838
Paróquia	1337

[**Freguesia civil de S. Tiago**]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial de S. Tiago, aos Loios, tal como presentemente se conserva, é uma reconstrução parcial de depois do Terramoto, começada em 1773 e que em 1783 não se achava concluída. Ela mantém ainda um carácter seiscentista em muitos elementos decorativos e arquitectónicos.

A sua fundação recua, com verosimilhança, aos primórdios da nacionalidade, circunstância que não deriva apenas da tradição, mas da sua situação topográfica, quase sob os muros do Castelo. Certo é existir já em 1209 ou 1229. Foi o templo objecto de restauros e transformações no século XVI, talvez depois de 1531, ano de um sismo grande, e reconstruído no século XVII, o que aconteceu a quase todos os templos de Lisboa, tanto mais que quanto da igreja de S. Tiago chegou ao Terramoto, e subsiste, não recua além daquele século, a não ser num ou noutro pormenor disperso.

A capela de Nossa Senhora A Franca, cuja confraria dos Cerieiros remontava a 1576, é a dependência mais antiga do templo, mas não parece ser de construção quinhentista. A igreja beneficiou de restauros de conservação em 1838.

A paróquia data, segundo parece comprovado, de 1337, governo do bispo de Lisboa D. João Afonso de Brito, sendo pois posterior à primitiva igreja, na qual a freguesia se instalou.

Em Outubro de 1836 foi-lhe anexada a freguesia de S. Martinho, cuja igreja se situava no largo desta denominação, ao Limoeiro; uma portaria que nesse ano lhe anexava a freguesia de S. Tomé foi anulada, fundindo-se esta com a de S. Vicente.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Tiago, orientada a Poente, está isolada de outras construções.

Exterior

Quanto ao Exterior anota-se:

A **Frontaria,** e nela:

O *portal,* ao cimo de um pequeno adro guarnecido de cortina de grades emoldurado de cantaria, sobrepujado de um baixo relevo com o emblema das armas de S. Tiago, e com uma data esculpida sobre a verga: MDCCLXXIII (ano da reedificação da frontaria); três *janelas* iluminantes, correspondentes ao coro; o *frontão,* recortado em espaldar;

A *torre* (século XVIII), com ventanas e grimpa, assente sobre a prumada direita do edifício.

A *fachada lateral Norte,* sobre o Largo do Contador-Mor, contém, embebida na parede, uma cruz, com cerca de um metro de altura, em pedra tosca, com o letreiro «*Cruz de S. Tiago*», documento que recua ao templo primitivo.

Interior

No seu Interior a igreja de S. Tiago acusa reconstrução setecentista, sobretudo no lado esquerdo, que foi a parte da igreja que mais sofreu pelo Terramoto.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja,** de nave única e nele:

O *tecto,* apainelado, com onze medalhões de pintura decorativa sobre tela, e, ao centro, emoldurado em estuque, um quadro a óleo representando uma alegoria à Anunciação da Virgem, aos pés da qual se figura o apóstolo S. Tiago;

O *coro,* pobre, assente sobre duas mísulas laterais de madeira;

O baptistério, à esquerda do guarda-vento, no qual se vê a *pia baptismal,* tendo esculpida sobre uma roda de navalhas uma mitra (século XV, tempo do arcebispo D. Jorge da Costa);

Uma *capela* com dois *altares* do lado esquerdo, entre pilastras e colunas caneladas, com capitéis de ordem coríntia, em madeira, e que se discriminam: altar do Senhor Jesus dos Aflitos, capela central de Nossa Senhora das Dores, e altar de Nossa Senhora da Purificação; dois *altares* do lado direito, o do Senhor dos Passos e o de Nossa Senhora da Piedade, este com boa guarnição de *talha dourada,* e com camarim envidraçado, dentro do qual se contém a imagem (estes altares, que ladeiam a entrada da Capela de Nossa Senhora A Franca, são rotos no fundo, abrindo para a mesma capela, embora a abertura do segundo esteja entaipada, e situam-se nos vãos de pilastras e colunas, com capitéis de ordem coríntia, em jaspe, como seriam também em jaspe as colunas e pilastras do lado oposto, reconstruídas, mas em madeira, depois do Terramoto);

A Capela de Nossa Senhora A Franca, lateral, constituindo como que uma nave independente do lado da Epístola, mas fora do corpo da nave da igreja, e que ocupa, em comprimento, um espaço igual ao desta; e nela:

O grande *altar,* fronteiro ao arco da entrada, todo guarnecido de *rica talha* dourada, com exuberante ornamentação de colunas envolvidas de estilização, nichos, sacrário e coroação de anjos, tudo em boa escultura de madeira, vendo-se em camarim de fundo a imagem de Nossa Senhora A Franca ou do Rosário, e em nichos as de Sant'Ana e S. Joaquim; guarnição de silhares de azulejos representando, em cinco painéis, os «Mistérios da Virgem»; o *tecto,* com cúpula central oval, e dois tramos laterais, redondos, em estuque; dois quadros a óleo, representando cenas da Vida de Nossa Senhora;

Duas *tribunas,* do lado esquerdo superior do corpo da igreja;

Dois *quadros* a óleo, do lado direito superior do corpo da igreja, representando cenas da vida de S. Tiago;

Dois *altares* (século passado) nos topos laterais do arco da capela-mor: o de Santa Luzia, do lado esquerdo e o de S. Brás, do lado direito, com imagens destes oragos, provenientes da secularizada vizinha ermida de S. Brás e Santa Luzia, às Portas do Sol.

A Capela-mor, e nela:

O *tecto,* em abobadilha de estuque, com arestas, coberto de pinturas ornamentais emblemáticas da Eucaristia;

O *altar-mor,* de madeira, e envasamentos de estuque imitando mármore, e, nele, sobre o sacrário, um grande Cristo crucificado, e em mísulas as imagens de S. Tiago e de S. Martinho, oragos da paróquia;

Duas *tribunas,* uma por cada lado; rasas com balaustrada.

(Na igreja de S. Tiago merecem referência as imagens de Nossa Senhora da Piedade, proveniente da igreja demolida de S. Martinho, e que passa por ser das mais antigas de Lisboa, a de Santa Águeda, na capela de Nossa Senhora A Franca, proveniente da ermida de S. Brás, a de Nossa Senhora do Rosário e a de Santo António).

IGREJA DE S. CRISTÓVÃO

Século XIII

Fundação	1.ª metade do Séc. XIII
Reedificação	1.º quartel do Séc. XVI
Remodelação.	Séc. XVII
Restauros.	1755 e 1839-1841
Paróquia.	Séc. XIV-XV

[Freguesia civil de S. Cristóvão]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Cristóvão, tal qual hoje se conserva, pode considerar-se uma edificação quinhentista com alterações e modificações, além de reparos, levados a cabo nos séculos XVII, XVIII e XIX.

A primitiva igreja, que se chamou de Santa Maria de Alcamim, em razão do nome do bairro ou sítio onde se ergueu, remontava ao primeiro quartel do século XIII, mais precisamente ao reinado de D. Afonso II ou ao de D. Sancho II.

No século XVI, reinando D. Manuel, o velho templo parece que foi totalmente destruído por um incêndio e edificou-se outro, mais amplo. Já então o orago havia mudado para o de S. Cristóvão, talvez no final do século XIII ou princípio do de XIV, pois em 1308, num documento, já aparece citado o reitor de S. Cristóvão.

No século XVII sofreu a igreja grande remodelação, concluída em 1671 ou 1672, isto depois de ter sido restaurada em 1610. O Terramoto de 1755 poucos estragos lhe causou, desconjuntando-lhe apenas as duas torres, já estando reparada dois meses depois. No século passado o templo paroquial recebeu grandes restauros entre 1839 e 1841, que atingiram sobretudo a frontaria.

A paróquia foi criada já no século XV, ou no declinar do século XIV, pois não aparece incluída na Lisboa paroquial da Cerca de D. Fernando. Depois do Terramoto a freguesia eclesiástica foi ampliada com área que pertencera à de S. Mamede. Em Julho de 1886 foi mandada anexar a esta freguesia, para efeitos eclesiásticos, a de S. Lourenço, cuja igreja ameaçava ruína, mas foi posteriormente reparada. (Está hoje posta de parte a versão de que a igreja de S. Cristóvão houvesse sido fundada por D. Martinho Afonso Pires, arcebispo de Braga, cujo túmulo existe no templo).

INVENTÁRIO

Situa-se no largo de S. Cristóvão e é orientada ao Poente.

Exterior

Na igreja de **S. Cristóvão**, quanto ao Exterior, há a assinalar:

A **Frontaria,** e nela:

O *corpo central,* e nele, ao cimo de uma pequena escadaria, galilé com *pórtico,* emoldurado de pilastras de cantaria, fechando em arco de volta redonda, coroado sobre a arquitrave por um espaldar centrado por um nicho envidraçado ladeado e rematado por lavores de cantaria; uma janela vulgar iluminante acima do espaldar; o *frontão,* simples, triangular, ladeado por volutas;

Os corpos laterais, entre cunhais, rasgados por janelas e frestas, sobre os quais assentam as *duas torres,* com quatro ventanas, cúpula e grimpa, das quais só a do lado Sul tem sinos. (O adro setecentista, adeante da frontaria, com cruzeiro desapareceu em 1839).

A **Fachada Lateral,** a Norte, na qual, numa reentrância contígua ao cunhal, se situa uma interessante *porta travessa,* emoldurada de pilastras, coroadas por pináculos, que ladeiam um espaldar no qual se encastra uma lápide com inscrição latina, sem data, em caracteres que parece serem quinhentistas, e que atesta a consagração da igreja a S. Cristóvão (é duvidoso que esta inscrição sempre estivesse colocada neste local);

A **Fachada Posterior,** da igreja, já na rua da Achada, em ressalto correspondente a uma dependência da igreja, e no qual se situa um cruzeiro, em mármore rosa, embebido na parede, com uma data: 1850.

Interior

A igreja de S. Cristóvão, no seu Interior e com elementos decorativos que reflectem sobreposição de restauros, é toda revestida, nos espaços livres das paredes, por quadros emoldurados de talha dourada baça.

Assinala-se:

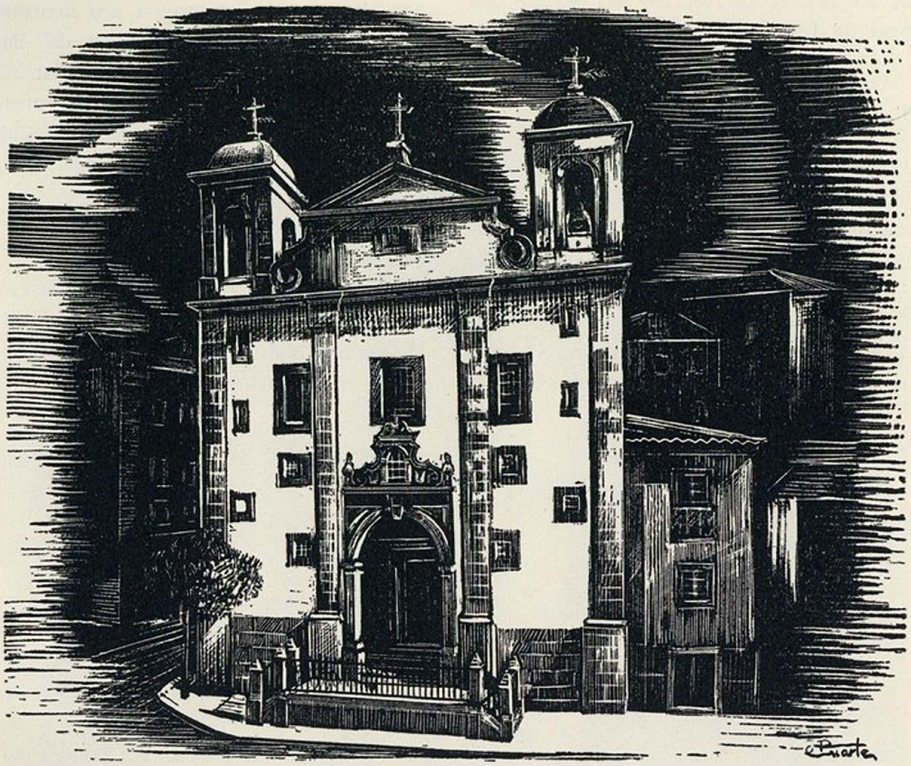
O **Corpo da igreja** de uma única nave, e nele:

O *tecto* abaulado, em madeira, coberto de pintura ornamental em quinze tramos ou quadrelas, tendo ao centro uma alegoria, já bastante suja, ao Sacramento, com larga figuração;

O *coro,* formando barriga, com balaustrada de madeira, encostado ao fundo da galilé e assente sobre dois arcos de volta redonda, que dão entrada a duas *capelas* vasadas, a da esquerda servindo de *baptistério,* a da direita, da invocação do Senhor no pretório. Silhares de azulejo de xadrez;

Cinco *capelas,* emolduradas de arco redondo de cantaria, e revestidas interiormente de silhares de azulejos policromos

em xadrez (século XVIII), três pelo lado direito e duas pelo esquerdo, situando-se neste lado o vão da porta travessa; os *altares*, todos com banqueta e frontal de mármore branco e rosa, são guarnecidos de quadros, cujos assuntos são de fácil indentificação (um Santo António, num intercolúnio, S. Miguel, alguns Doutores da Igreja, passos da vida de S. Cristóvão, os Evangelistas, etc.) são por alguns autores atri-



O sítio da Achada e S. Cristóvão

exuberante talha dourada que ocupa todo o fundo, com colunas salomónicas envolvidas em ramagem e folhedo ornamental.

Dezanove *quadros* a óleo, sobre tela, cobrindo totalmente as paredes, e acompanhando os contornos dos arcos das capelas, com a emolduração dourada correspondente àqueles contornos, e situados doze em cada uma das paredes laterais, três junto e sobre o guarda-vento, e quatro nos topos; estes buídos a Bento Coelho da Silveira, sendo indiscutível o carácter seiscentista da pintura; as invocações antigas das capelas são: pelo lado esquerdo, de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem se contem num camarim, e do Santíssimo, com um grande Cristo crucificado, e, pela direita, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora dos Aflitos e Nossa Senhora dos Prazeres, cuja imagem se diz ter pertencido a D. João IV;

Quatro *varandas* por cada lado, correspondendo a uma galeria interior circulatória.

A **Capela-mor,** não destoando sensìvelmente do carácter do corpo da igreja, e que não foi objecto de restauro por ocasião das obras de 1839; e nela:

O *tecto,* em abobadilha de arestas, cobertas de pintura ornamental;

O *altar-mor,* com banqueta e frontal de mármores, guarnecido de talha exuberante, com duplas colunas assentes sobre peanhas de boa escultura, tendo ao fundo um quadro representando «Cristo com os Apóstolos» (interpretação singular da «Ceia»), e ostentando uma colossal *imagem de S. Cristóvão* com o Menino Jesus ao colo, mas de tal modo que parece que o leva aos ombros; dois grandes quadros, um por cada lado, com cenas alegóricas ao triunfo da Eucaristia;

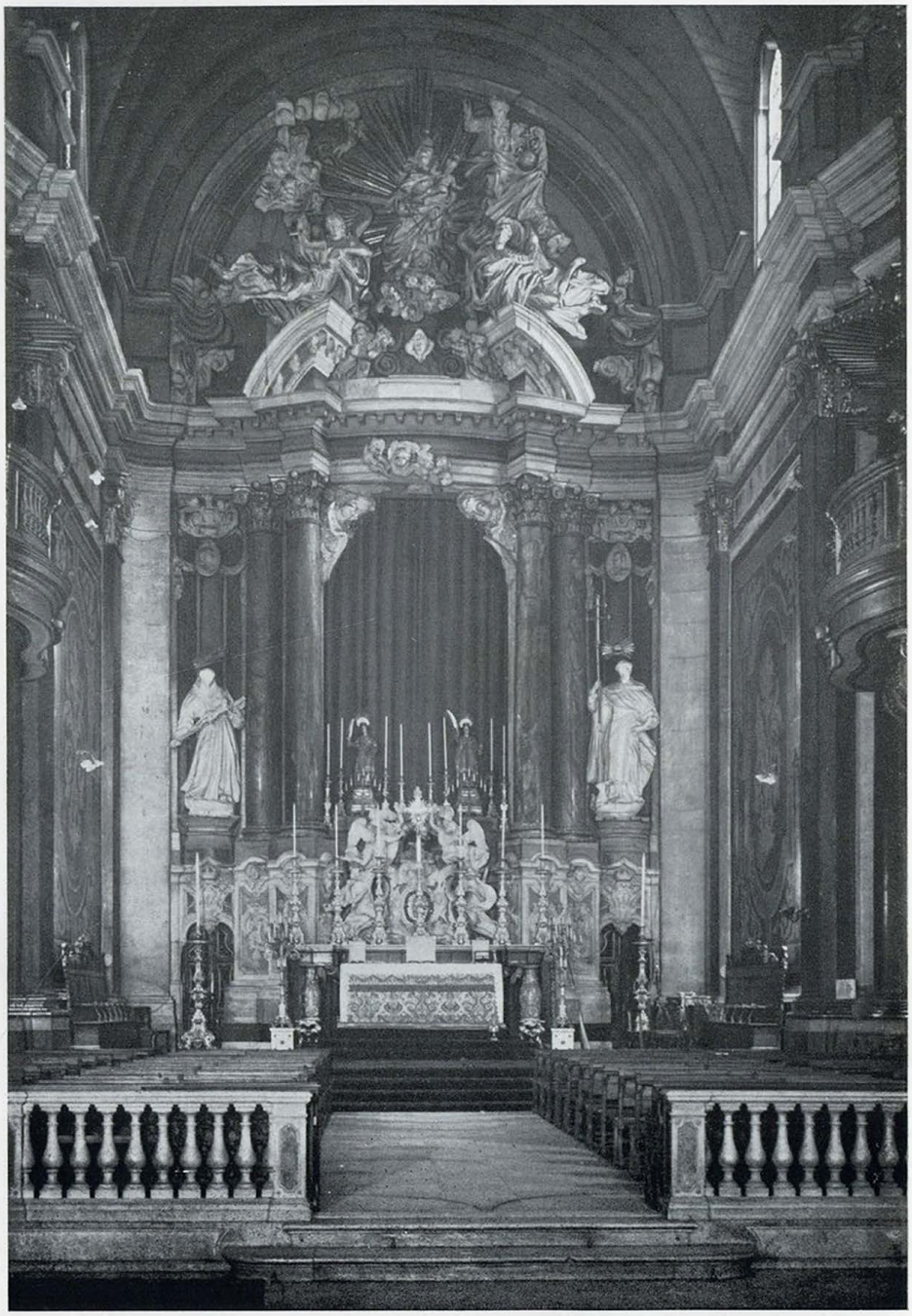
A **Sacristia** velha, antiga «Capela dos Arcebispos», casa destinada aos mausoléus da família Miranda, morgados da Patameira, fundação do arcebispo D. Martinho, e dependência onde se encontram presentemente embebidos na parede os *túmulos,* com inscrição, do arcebispo, que foi padroeiro da igreja, o citado D. Martinho Afonso Pires, os dos seus descendentes Fernão Gonçalves de Miranda e de sua mulher D. Branca de Sousa, de Matias de Miranda e de sua mulher Genebra de Sousa, de D. Fernando de Miranda, que foi bispo de Viseu, e de outros.

IGREJA DE S. DOMINGOS

Frontaria

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

IGREJA DE S. DOMINGOS



Capela-mor

IGREJA DE S. DOMINGOS

(SANTA JUSTA)

Século XIII

Fundação	1249
Reconstrução	1566 e 1608
Reedificação	1758
Paróquia	1173

[Freguesia civil dos Restauradores]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Domingos, sede paroquial de Santas Justa e Rufina, pode classificar-se como uma reedificação quase integral posterior ao Terramoto. O seu risco deve-se a Carlos Mardel.

A primitiva igreja de S. Domingos fora erigida neste sítio em 1249, e pertencia ao convento dos dominicanos prègadores fundado em 1242, ainda no tempo de D. Sancho II; de vários restauros ou reconstruções parciais beneficiou a igreja no decorrer dos séculos, nomeadamente em 1566, ano que corresponde ao de uma verdadeira reedificação, e em 1608.

O Terramoto de 1755 destruiu o famoso templo, então de três naves, salvando-se apenas a Capela-mor, que havia sido reconstruída por Frederico Ludevice em 1748, a cripta, por trás da mesma capela, e a sacristia, que fora restaurada no século XVII. Em 1758 começou a reedificação do templo, por traça do arquitecto Carlos Mardel prolongando-se, como era natural, as obras por todo o século XVIII.

Quanto à paróquia de Santas Justa e Rufina, ela remonta, pelo menos, a 1173, se não a tempos do primeiro bispo D. Gilberto, e esteve sempre em sede própria, que era a igreja de Santa Justa que o Terramoto incendiou e se situava na actual Rua dos Fanqueiros, do lado oriental, sobre o chão onde se construiram as escadinhas que ligam aquela rua com a da Madalena. Foi esse templo incendiado por efeito do Terramoto, que não o desmoronara, e nunca mais foi reedificado formalmente; a paróquia estanciou primeiramente numa barraca erguida no Rossio, depois na ermida de S. Camilo, no Borratém, a seguir a 1757 numa acomodação junto da antiga igreja, e ainda nela própria, e até 1884 quando se lhe deu um arremedo de reconstrução. Os restos da igreja de

Santa Justa — que foram adaptados a um Teatro de D. Fernando (1849-1860) — só desapareceram de todo em 1863, construindo-se então o prédio que ocupa a esquina Norte das escadinhas e da rua dos Fanqueiros.

Em Novembro de 1834 a sede paroquial de Santa Justa instalou-se na igreja de S. Domingos.

O templo de S. Domingos, dos mais imponentes de Lisboa, está ligado à história politica, religiosa e social da cidade; possui uma vincada expressão olissiponense.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Domingos, sede da velha paróquia de Santas Justa e Rufina, ostentosa e vasta — monumento nacional (11/12/918) está, desde a sua reedificação do risco de Carlor Mardel, contida entre grandes prédios.

Exterior

No seu exterior há a considerar essencialmente:

A Frontaria, sobre o Largo de S. Domingos, orientada a Poente, constituída por um único corpo, contornada por cortina de gradeamento, e nela:

O **Pórtico** principal, emoldurado por duas altas colunas de ordem composita e ainda por uma pilastra recuada de cada lado, rematada por decorativa arquitectura sobre a qual assenta uma larga varanda de balaustres, que ilustra o janelão de fundo com central, coroado de ática; este conjunto arquitectónico é do risco de João Frederico Ludovice (1748) e pertenceu à capela real do Paço da Ribeira;

Duas *portas laterais* simples, coroadas de áticas curvas; sobre elas, no plano superior, duas janelas iluminantes com fundo de vitral;

O *frontão* em espaldar, ornado de acrotérios flamegantes, com um mesquinho óculo iluminante no tímpano, sobrepujado este por composição escultórica com as armas do reino e as da Ordem de S. Domingos encimadas por coroa real ressaltante. (A *torre* sineira situada na parte posterior do edifício).

Uma antiga *fachada lateral,* situada, entre prédios, na Travessa Nova de S. Domingos, impraticável, correspondendo ao topo da sacristia, e assinalada por três portões, janelas e frontão;

Um *pátio,* defendido da rua por gradeamento, com portão aberto para o troço final da Rua dos Fanqueiros, na confluência da Rua da Palma, pátio que conduz ao átrio da sacristia, e sobre o qual se eleva o corpo circular exterior da cripta e casa forte primitivas, situado por de trás da capela-mor.

Interior

A igreja de S. Domingos, no seu Interior, é das mais belas de Lisboa, mas também das mais sombrias; reveste-se de materiais nobres e de pilastras geminadas com capitéis compósitos (que foram patinados de ouro há poucos anos), correspondendo à divisão dos tramos da abóbada.

Assinala-se no Interior:

O **Corpo da igreja,** em nave cónica, e nele:

A *abóbada,* de madeira em arco redondo, seccionada em cinco tramos, ornados de pinturas meramente decorativas;

O *coro* amplo, assente sobre duas grossas pilastras duplas de mármore roxo, com varanda de balaustres, e no fundo do qual os vitrais das janelas representam, ao centro Santa Justa e Santa Rufina, e dos lados S. Domingos e S. Francisco (trabalho, como o de todos os outros vitrais da igreja, imitado do dos Jerónimos, factura João Pereira, oficinas da «Renascença», Lisboa, 1927); o óculo iluminante, envidraçado e pintado com as armas do Reino e da Ordem de S. Domingos;

Quatro *capelas,* por cada lado da nave, defendidas por teia de madeira negra, emolduradas por arco redondo de cantaria, e cujos *altares* das três primeiras capelas de cada lado são guarnecidos de madeira dourada, com ornatos de talha, tendo ao fundo cada um deles um quadro em tela, emoldurado a negro, pintura de Pedro Alexandrino (assinada P. A.), sendo os dois *altares* das extremidades laterais guarnecidos de cantaria lavrada em altos relevos. Discrimina-se e identifica-se pela primeira vez: a começar pela direita, capela de Nossa Senhora de Fátima, invocação recente, representando o retábulo S. Vicente Ferrer, capelas contíguas de Santo António e de Santa Rita, cujas pinturas representam martírios de dois santos, capela de Nossa Senhora da Conceição, sem retábulo cuja imagem se situa num camarim. Pela esquerda: capela de Santa Terezinha, cujo retábulo representa Santa Catarina, logo capela de S. José, com pintura representando Santa Maria Madalena aos pés de Cristo, capela de Santa Luzia, cuja pintura representa S. Tomás de Aquino, capela de Nossa Senhora do Rosário, com antiga imagem colocada em camarim;

Quatro *tribunas,* baixas e oblongas, situadas sobre as capelas do lado direito, encimadas cada uma por janela iluminante, revestida de fundo de vitrais, representando estes, a começar do guarda-vento, Nossa Senhora de Lourdes, Santo António, Santa Rita e Nossa Senhora da Conceição (João Pereira);

Duas *tribunas,* uma de cada lado dos extremos da nave;

A *teia* circundante da nave, em madeira negra, rasa.

O **Transepto,** cujos curtos braços laterais são revestidos de um tramo de abóbada idêntico aos da nave, e cujo centro do cruzeiro, prolongamento da nave, é coberto de abóbada de arestas, com fecho de pintura representando um passo da vida de S. Domingos; e nele:

A *capela* do Santíssimo, do lado do Evangelho, guarnecida de altas colunas de mármore roxo, que sustentam o coroamento escultórico de dois serafins, em mármore branco, e em cujo altar, de fundo de camarim, foi colocada uma grande imagem (muito recente, executada no Porto) de Cristo-Rei, sentado; uma janela iluminante representa em vitral a Eucaristia;

A *capela* do lado da Epístola, da invocação de Nossa Senhora das Dores, de composição e guarnição idênticas à correspondente colateral, estando a imagem colocada em camarim; na base do altar uma imagem

do Senhor dos Passos; os dois vitrais desta capela representam Cristo na Coluna e Nossa Senhora das Dores;

Dois *púlpitos,* de madeira dourada, em cada ângulo do cruzeiro e nave;

O *arco da capela-mor,* de grande dimensão, e em cujo remate se vê o escudo real de D. João V, em mármore branco, assim como a *teia,* de balaustres.

A **Capela-mor,** edificada em 1748 pelo risco do famoso arquitecto e engenheiro alemão Frederico Ludovice, acabada por João António de Pádua, autor de toda a escultura, e que escapou à destruição do Terramoto, e nela:

A *abóbada,* em dois tramos diferentes, acusando duas maneiras arquitectónicas, que as paredes da capela também demonstram, sendo o primeiro idêntico ao do cruzeiro, com fecho de pintura, e o segundo semelhante ao da nave, estando as paredes, correspondentes a este tramo, revestidas de estuque recoberto de pintura imitando mármore;

O *altar-mor,* de assinalada importância, e nele:

Duas grandes *colunas* de mármore roxo, com capitéis dourados, sustentando uma composição escultórica que representa a Santíssima Trindade; a base do trono, ao fundo, trabalho valioso de escultura em alabastro, que encobre o *sacrário,* com porta de ornatos de bronze circundando a figura do Bom Pastor; duas grandes *mísulas,* em mármore com ornatos, e nas quais se vêem duas grandes estátuas, S. Domingos e S. Francisco; as *imagens* de Santa Justa e Santa Rufina, provenientes da antiga paroquial dessa invocação.

Duas *tribunas* baixas, com cortinas de veludo, e sobre elas outras duas tribunas, cada uma com um *orgão,* dos quais o do lado esquerdo é meramente decorativo;

Duas janelas iluminantes, com fundo de *vitral* representando o Bom Pastor e o Coração de Jesus.

As dependências principais da igreja podem ser assim inventariadas:

Um *corredor* abobadado de arestas, paralelo à nave pelo lado direito, com entrada pelo transepto, e que corresponde a uma *ala* do antigo *cláustro* cujos arcos estão ainda visíveis na parede Sul (o local do cláustro dominicano encrava-se num prédio contíguo da travessa Nova de S. Domingos, servindo de pátio de uma fábrica);

Um *corredor* que conduz à sacristia, e nele um vão oval de parede no qual se vê a imagem antiga de Nossa Senhora da Nazaré, e, noutro troço, um nicho que conserva, com legenda, a pequena e histórica imagem de Nossa Senhora da Purificação, ou «da Escada», que se situava no largo de S. Domingos, na ermida de Nossa Senhora da Escada, fundada no século XIII, anterior à construção do convento e que ficava contígua, pelo Norte, ao templo de S. Domingos.

A **Sacristia,** que resistiu ao terramoto, embora sofresse danos, com abóbada em arco de caixotões de mármore, quadra da reconstrução seiscentista, e nela: o *altar* do fundo, em mármore, com a imagem tradicional de Nossa Senhora das Virtudes; uma *credência,* em mármore, sobre a qual está colocada uma imagem de Nossa Senhora do Rosário; uma lápide, com moldura de mármore e inscrição, na qual se

atesta que a sacristia foi toda reparada em 1664 por Luís Barbuda de Melo (cujo brazão de armas se vê sobreposto para o cartório) para servir de capela tumular para si e sua família; o revestimento de silhares de *azulejos seiscentistas* polícromos; *quadros* a óleo pelas paredes, talvez de proveniência conventual e difíceis de identificar.

Um corpo circular, por detrás da capela-mor, constituído por *cripta* antiga, toda forrada de azulejos, decorativos, com uma data que acusa restauro no século XVII, e na qual se abria uma passagem para o exterior, de há muito entaipada; sobre a cripta uma dependência com o mesmo tipo e traça, antiga casa forte;

O **Átrio da Sacristia,** revestido ainda de panos de azulejos historiados, muito mutilados, e nele: o sarcófago, de mármore, com inscrição, *túmulo* de Frei Luís de Granada, prégador da Ordem de S. Domingos, que morreu em 1588; outro sarcófago, também de mármore com inscrição, túmulo de Frei João de Vasconcelos, falecido em 1652; numa escada cuja porta abre neste átrio, à esquerda, existe uma caixa tumular pequena, de pedra, com inscrição (não é a primitiva), que encerrou os ossos dum infante D. Afonso, filho de D. Afonso III.

(Na Igreja de S. Domingos, cujas obras de restauro e adornos foram executadas em 1927 por diligências e directriz do Prior Cónego Damasceno Fiadeiro, existem várias imagens antigas, e alguns quadros a óleo em arrecadação, nenhum parecendo digno de nota, com excepção de um, pintura em tábua, de difícil identificação, que se encontra na escada junto ao átrio da sacristia).

IGREJA DA GRAÇA

Fachada da antiga portaria conventual

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

IGREJA DA GRAÇA

Sacristia da Graça. Túmulo do secretário de estado Mendo de Foios

IGREJA DA GRAÇA

(SANTO ANDRÉ E SANTA MARINHA)

Século XIII

Fundação	1271
Reedificação integral	1556-1565
Restauros	Séc. XVII e XVIII
Nova reedificação	1765-1785, 1896-1905
Paróquias de Santo André e Santa Marinha	Séc. XIII

[Freguesia civil da Graça]

Breve notícia histórica

A igreja da Graça, tal qual hoje se encontra, é uma reedificação da segunda metade do século XVIII, completada com reconstruções e restauros do final do século passado para os princípios do actual. Integrou-se no convento dos religiosos eremitas descalços de Santo Agostinho, que para o sítio de Almofala vieram em 1271, transferidos do seu primitivo eremitério do Monte de S. Gens. A primeira igreja, certamente modesta, foi substituída por um magestoso templo, de três naves, dos maiores e mais ricos de Lisboa, pela diligência do vigário perpétuo da Ordem, o espanhol Frei Luís de Motoya, durando as obras nove anos (1556-1565). No segundo quartel do século XVIII a igreja beneficiou de restauros importantes, dirigidos pelo arquitecto Custódio Vieira; pouco tempo depois, pelo Terramoto a igreja foi quase totalmente arruinada, assim como o convento, começando em 1765 a reconstrução, que equivale a uma reedificação integral, sob o risco de Manuel Caetano de Sousa, e prolongando-se, numa primeira fase, até 1785. No final do século passado tratou-se novamente de completar a igreja segundo o plano reedificador, aliás alterado, de Caetano de Sousa, e de a restaurar no que fora feito anteriormente; estas obras duraram de 1896 a 1905.

A igreja apareceu então, aparentemente ostentosa, mas com um merecimento artístico muito aquém do que tivera nos séculos anteriores.

A decorativa torre da igreja, assente sobre o corpo da fachada do convento, pertence à reedificação que de poucos anos precedeu o Terramoto, e deve-se a Manuel da Costa Negreiros, que morreu em 1750.

Em Maio de 1835 instalaram-se na igreja da Graça as velhas freguesias eclesiásticas de Santo André e Santa Marinha, reunidas desde Janeiro de 1834, que remotavam ao primeiro quartel do século XIII e cujas sedes desapareceram, a da primeira depois do Terramoto e a da segunda em 1837. A igreja passou a ser conhecida por paroquial da Graça, que é a designação da freguesia civil; a verdade, porém, é que ela é a sede paroquial de Santo André e de Santa Marinha, que se perdeu na tradição oral.

INVENTÁRIO

A igreja da Graça situa-se numa alta posição privilegiada de Lisboa. Orientada a Poente, o seu adro constitui um miradouro natural da cidade; o perfil da sua torre, com a extensão conventual, a Norte.

Exterior

Quanto ao Exterior pode anotar-se:

A **Fachada Principal,** (século XVIII), composta de três corpos, unidos por *frontão* curvilíneo, continuados no mesmo alçado por um lateral a Sul, constituindo um conjunto cortado da monotomia por pilastras simples; e nela:

O *portão central,* entre pilastras sustentando a arquitrave enobrecida de ornatos, e em cujo tímpano se situa um baixo relevo em *medalhão* com a efígie de Santo Agostinho, elemento que pertenceu ao primitivo templo; um *nicho,* com imagem do mesmo santo colocado superiormente ao medalhão; dois portais laterais, coroados de ática; quatro janelas superiores em cada um dos corpos verticais.

A **Fachada do antigo Convento,** contígua à da igreja com orientação a Sul, num único corpo ornado de balaustrada, documento arquitectónico da primeira reedificação do edifício, cuja porta e janelas estão entaipadas; e, nela, quatro colunas de ordem dórica, no primeiro plano, sustentando as duas centrais, correspondentes ao portal, uma arquitrave simples; ao alto, sob a cornija o mostrador em pedra do antigo relógio; a *torre* setecentista (Manuel da Costa Negreiros), recuada, ao centro alto do corpo da fachada conventual.

A **Fachada Posterior,** ao Nascente constituída pelo corpo da capela-mor e pela parede lateral da sacristia, esta com quatro janelas iluminantes (um corpo baixo, paralelo à sacristia, foi construído em 1905, para cartório do prior);

A **Fachada Lateral Sul,** sobre o Jardim da Graça, constituída pela parede do corpo da nave, na qual a rasgam doze janelas e uma porta travessa, e por um corpo mais alto, correspondente ao braço direito do transepto.

Interior

A igreja da Graça é, no seu Interior, das mais vastas de Lisboa, com boa expressão arquitectónica, na qual predominam, porém, os materiais pobres (madeira e estuques).

Anotam-se:

O **Corpo da igreja**, de uma única nave, e nele:

O *tecto*, em estuque, de aresta encurvada nas extremidades, constituindo cinco tramos, além do do coro, com pinturas centrais representando, com anjos e legenda, as cinco primeiras frases latinas da «Avé-Maria», com ornatos a claro escuro, obra de João Vaz (1904), e do decorador Elói Ferreira do Amaral;

O *coro*, com balaustrada de madeira, assente sobre duas pilastras de cantaria lavrada;

Quatro *capelas* por cada lado, emolduradas de arco de cantaria, com altares de fundo de camarim, guarnecidas de madeira dourada e povoadas de nichos, com imagem; discriminam-se, nas invocações: pela esquerda, *capela dos «Pretos Cativos»*, com quatro imagens de santos negros (singularidade na imaginária olissiponense: Santa Efigénia, Santo Estêvão, Santo António de Notto e S. Benedito), capela do Calvário com Nossa Senhora das Dores e o Senhor Jesus da Montoya, capela do Sagrado Coração de Jesus antiga tradicional do Senhor Jesus da Cana Verde, e, na extrema, Capela do Santíssimo, reentrante, com cúpula de aresta revestida de estuques com ornatos de relevo, e abrindo de um bom cancelão dourado; pela direita, capela de S. Tomás de Vilanova, e logo a de Nossa Senhora de Fátima (com imagens modernas), a de Nossa Senhora da Piedade ou de Santa Rita, e, na extrema, a de Nossa Senhora da Conceição;

Quatro *tribunas* por lado, com balaustrada, ligadas posteriormente por um corredor;

Teia circundante, em madeira negra, rasa;

O *baptistério*, logo à esquerda do guarda-vento, constituído por duas dependências, ainda de traça conventual, posto que desfigurada, e, nele, na antecâmara da capela fundada por Lopo Soares de Albergaria (1530), num *arco-solio* de expressão manuelina, os *túmulos*, a par, de Rui Gomes de Alvarenga e de Melícia de Melo (pais do fundador da capela); uma *arca* tumular, que a tradição assegura ser a de Afonso de Albuquerque. É um monumento simples, tendo nas faces três escudos com as armas dos Gomides e nas duas abas da laje o escudo repetido, e numa delas um montante, noutra um pendão. Contém os restos de Gonçalo Lourenço Gomide (bisavô do grande capitão). Uma tampa da sepultura de D. Pedro de Noronha, marquês de Angeja.

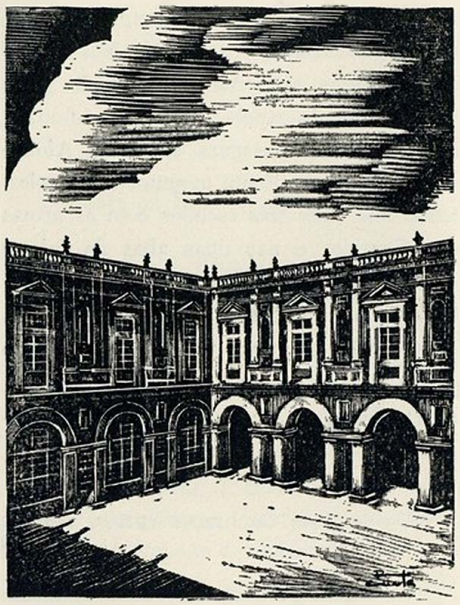
O *transepto*, de braços curtos, e nele:

O *cruzeiro* propriamente dito, de cobertura oval, de estuque, em grande medalhão a claro-escuro (Pereira Júnior, 1904), tendo ao centro, em pintura, as armas de Santo Agostinho;

Os *braços* do transepto, com abóbada de arco num único tramo, de estuque com ornatos simples, cada um com duas capelas principais, com altares de madeira dourada, e com coroamento, e que se discriminam nas *invocações antigas* (que aliás variam nas citações): na asa esquerda, de Nossa Senhora da Pérsia e de Nossa Senhora da Graça, ou do Senhor do Penedo, e na asa direita a capela de Nossa Senhora da So-

ledade e a do Senhor dos Passos, famosa invocação da história piedosa de Lisboa, e que se descreve minuciosamente:

Capela do Senhor dos Passos — cuja irmandade da «Vera Cruz e Passos de Cristo» remonta a 1586 e deu origem à pro-



O claustro nobre

cissão dos Passos da Graça (1587 a 1910) — reedificada de 1765 a 1822; e nela:

O *altar,* situado na citada asa direita do transepto, com talha e um medalhão de remate que representa o Padre Eterno, obra de Estêvão Rodrigues; silhares de azulejos decorativos, polícromos, pintura de Manuel da Costa (século XVIII) na escada para o camarim e paredes deste; a *sala das sessões* da Irmandade dos Passos, contígua ao camarim da imagem, com rodapé de *azulejos* da mesma época e factura dos já citados, e com sete quadros a óleo, sobre tela, representando cenas da vida de Jesus, pintura de Francisco José da Rocha (1788); as *salas dos «milagres» e «promessas»,* museu curioso de «ex-votos», ao tipo do da Penha de França; o arquivo e tesouro sacro privativo da Irmandade;

Duas *grandes tribunas,* ressaltantes, uma em cada asa do transepto, todos de madeira trabalhada caprichosamente, com varanda curva assente sobre decorativa peanha em feitio de vieira;

Duas outras *tribunas,* rasas, uma de cada lado do arco da capela-mor;

Uma janela, com *vitral,* sobre a capela colateral direita do transepto, representando Cristo a caminho do Calvário (1927, Lisboa).

A Capela-mor, reedificada entre 1765 e 1785, e novamente reconstruída entre 1896 e 1905, e nela:

O *tecto,* de abóbada de aresta, com ornatos a claro-escuro, uma pintura central representando um passo da vida de Paulo Agostinho, e quatro medalhães com os Evangelistas; o *altar-mor,* todo em madeira, imitando mármore, com colunas altas sustentando uma composição escultórica, e nele a imagem de Paulo Agostinho ao centro, e as de Santa Marinha e Santo André, provenientes das antigas freguesias reunidas em Santa Maria da Graça; doze *quadros,* em ambas as paredes, representando passos da vida de Santo Agostinho,

pintura atribuída, com fundamento, a Pedro Alexandrino; uma *tribuna* por lado, cada uma com seu orgão (inutilizado); a teia, de madeira em renda, dourada.

Uma pequena *capela* (dependência privativa do serviço da igreja), situada por de trás do altar-mor, à esquerda, primitiva, pois resistiu ao Terramoto, com abóbada de aresta de mármore, toda revestida deste mesmo material, e com antigo altar com lavores de ebano, de marfim e madrepérola; outra pequena dependência a par daquela, com três *arcas tumulares* lisas, provenientes da extinta paroquial de Santo André.

A **Sacristia** — considerada «monumento nacional» (11-12-918) —, dependência de interesse na igreja, antiga Capela das Relíquias; e, nela:

O *tecto*, em pintura larga de perspectiva arquitectónica, representando a Assunção de Nossa Senhora, pintura identificada de Pedro Alexandrino, e tendo nos topos os *retratos* de Frei António Botado e do irmão deste, Mendo de Foios Pereira, custeadores das obras deste quadro; dois grandes *altares*, em mármore, um em cada topo, com coroamento arquitectónico, situando-se no altar do fundo um grande relicário de madeira dourada, e no do lado da entrada o túmulo, em rico *sarcófago* de mármore, com inscrição de Mendo de Foios Pereira, que foi secretário de estado de D. Pedro II; sete *painéis de azulejos* historiados, em silhares circundantes (princípio do século XVIII), representando passos da vida da Virgem.

A *passagem* ou ante-átrio da sacristia para o *cláustro nobre* em estilo clássico, de linhas sóbrias, e também «monumento nacional», e nela:

O *portal*, situado do lado exterior da sacristia, em mármore, com colunas salomónicas que sustentam a arquitrave belamente trabalhada; toda a guarnição de *cerâmica* de azulejos policromos, do melhor que existe em Lisboa, *seiscentista* do primeiro quartel, se não do final de quinhentos, de tipo decorativo estilizado de aves e florações, vendo-se aos lados dos altares e do portal seis figuras, no mesmo tipo de azulejo, representando a Misericórdia, a Fé, a Esperança, a Justiça, a Liberalidade, a Caridade; duas *lápides*, referentes aos túmulos de D. Pedro Pueiros, aio do príncipe D. Teodósio, morto em 1649, e de D. Jerónimo Fernando, bispo do Funchal, falecido em 1650;

Uma *sala*, hoje arrecadação, ao cimo da escadaria que nasce daquele ante-átrio, toda revestida de bons *azulejos* setecentistas, com cenas da Paixão de Cristo.

(Na igreja da Graça, além das imagens que ficaram citadas, existem outras dignas de serem registadas, e, entre elas, a de Nossa Senhora da Vida, que pertenceu à famosa capela desta invocação da paroquial de Santo André, e de Nossa Senhora da Pérsia, que veio do Oriente em 1642, as de Nossa Senhora da Graça, do Rosário, da Consolação, da Piedade, as de S. Miguel, S. João Baptista, Santo Amaro, S. Gonçalo de Lagos, e do Senhor de Jesus do Penedo, proveniente da desaparecida paroquial de S. Tomé. Recomendam-se pela sua escultura ou por sua antiguidade e tradição olisiponense).

IGREJA DO LUMIAR

(SÃO JOÃO BAPTISTA)

Século XIII

Fundação	1276
Reedificação	Séc. XVI e XVII
Restauro	3.º quartel do Séc. XVIII
Reedificação	1932-1934
Paróquia	1276

[Freguesia civil do Lumiar]

Breve notícia histórica

O igreja de S. João Baptista do Lumiar, tal qual hoje se encontra, é uma reedificação recente, sobre a planta e traça, com materiais aproveitados da que ardeu na noite de 6 para 7 de Fevereiro de 1932. Dirigiu as obras da reedificação, e do restauro do que o incêndio não consumiu inteiramente, e do pouco que ficou intacto, o arquitecto Tertuliano Marques. O templo foi reaberto ao culto em 25 de Dezembro de 1934.

A igreja, e logo paroquial, de S. João Baptista, remonta a 1276, fundação do bispo D. Mateus, que governava a diocese de Lisboa em tempo de D. Afonso III. Não foi o templo primitivo que chegou aos nossos dias, pois várias reedificações, algumas fundamentais, recebeu no decorrer dos séculos; o Terramoto de 1755 sérios danos lhe causou, na frontaria principalmente, beneficiando, depois, de restauros completos.

A matriz do Lumiar foi do padroado real e mais tarde pertenceu às religiosas de Odivelas, às quais adveio por doação da mulher de Afonso Sanches, filho natural de D. Dinis, e que era o senhor da quinta na qual a igreja fora erguida.

A actual igreja de S. João Baptista do Lumiar, na traça interior, com três naves e renques de arcada reconstruídas, dá-nos ainda uma ideia do aspecto primitivo, pelo menos quinhentista.

A freguesia pertenceu até Julho de 1885 ao Termo de Lisboa, sendo incorporada então na área da Cidade, e passando uma parte do seu território para o concelho de Loures.

INVENTÁRIO

A igreja de S. João Baptista é, no seu Exterior, simples de arquitectura.

Exterior

Há nele a assinalar:

A **Frontaria,** com um modesto corpo central e dois estreitos laterais, mais baixos, e nela:

O *portal* com colunelos e verga direita, no qual se vê a data de 1603 (que pode ser a de um restauro ou reedificação), sobrepujado de um nicho com uma *imagem,* de pedra, *de S. João Baptista,* no conjunto em estilo jesuítico. A *torre,* à esquerda, com quatro ventanas, rematada por fogareus (restauro do século XVIII). Catavento com galo decorativo.

Interior

No Interior contrastam a frieza arquitectónica da traça velha e a fisionomia clara da reedificação recente.

Assinalam-se:

O **Corpo da igreja,** e nele:

As *três naves,* sendo as laterais mais baixas, com cobertura de madeira negra, lisa, divididas por dois renques longitudinais cada um de *cinco arcadas* de volta redonda (a primeira das quais é seccionada pelo coro), apoiadas em colunas redondas, com bases e capitéis trabalhados, mas sem estilo arquitectónico definido (as arcadas e colunas são de cimento, que revestem as primitivas, descarnadas pelo incêndio, notando-se apenas na composição alguns elementos de pedra;

A *capela* antiga *de Santa Brígida,* à esquerda, reentrante, menos atingida pelo incêndio de 1932, com duas paredes revestidas de azulejos historiados, os do fundo (século XVIII) com passos da vida de S. João Baptista, os da direita (1934) reproduzindo os primitivos, com cenas da vida de Santa Brígida (as pinturas do tecto desta capela, século XVIII, eram de Jerónimo Branco Ferreira);

As duas *capelas* dos topos, cujos altares tem frontal e banqueta de mármore, com embutidos florentinos, pacientemente reconstituídos, e as guarnições de talha dourada, de rico conjunto, hàbilmente restauradas (1934) por José Maior, havendo-se utilizado, para a composição do altar do lado direito a talha de uma capela da igreja do convento de Nossa Senhora da Estrela (Hospital Militar);

O *púlpito,* de mármore, pequeno, e que substitui o primitivo, de 1546;

A **Capela-mor,** cuja abobada, primitiva, em arco de cesto, revestida de estuque, foi pintada no restauro por Benvindo Ceia (1934); e nela: o altar-mor, com frontal e banqueta de mármore e embutidos, e a guarnição, que ocupa toda a parede do

fundo, em *talha dourada,* restaurada também por José Maior, com elementos de um altar proveniente do extinto convento do Quelhas;

Os *painéis de azulejo,* que revestem as paredes, representando o da direita S. João Baptista prègando (século XVIII) e o da esquerda uma parte (século XVIII) a entrega da cabeça decepada do Santo e noutra parte (1934, Conceição e Silva) o festim de graças pela morte do Baptista.

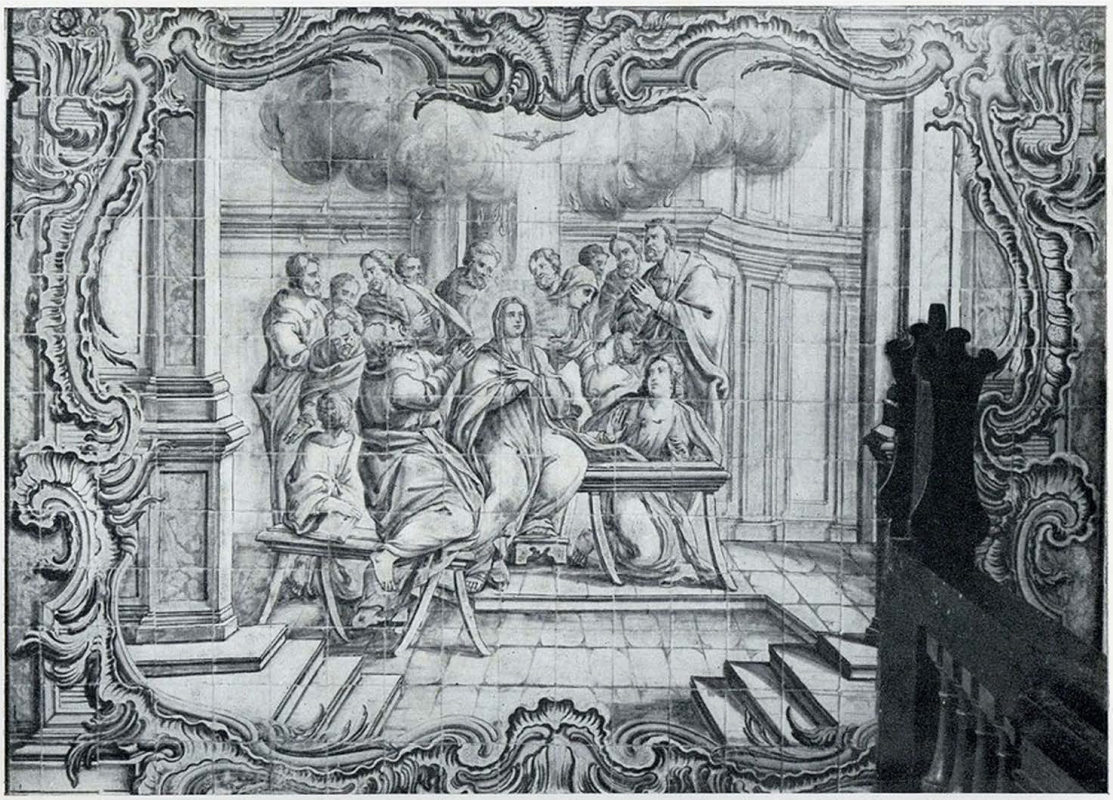
(O incêndio de 1932 destruiu a rica guarnição de azulejos quinhentistas que distinguia a igreja como museu de cerâmica).

IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA DO LUMIAR

Frontaria da igreja

BIBLIOTECA

IGREJA DE SANTA MARIA DOS OLIVAIS



Um dos painéis de azulejos da capela-mor

IGREJA DE SANTO ESTÊVÃO

Século XIII

Fundação	Antes de 1279
Reedificação.	1316 e 1543
Reconstrução total	1733-1740
Reedificações	3.º quartel do Séc. XVIII
Restauros	Séc. XIX e XX
Paróquia	1183

[Freguesia civil de Santo Estêvão]

Breve notícia histórica

A igreja de Santo Estêvão — considerada «monumento nacional» (27/8/917) — é uma reedificação do segundo quartel do século XVIII, por sua vez objecto de largo restauro depois do Terramoto (1773), na frontaria e em parte do interior

A paróquia de Santo Estêvão, das mais antigas e representativas de Lisboa, remonta, por notícia de um documento, a 1183; existia seguramente o templo neste lugar em 1279, possìvelmente mesmo na primeira metade do século, reinado de D. Afonso II. A primitiva igreja, certamente modesta, foi reedificada em 1316 e em 1543, por efeito dos danos causados por sismos nos século XIV e XVI, e teria então sido ampliada e revestida de grandeza, pois sabe-se que ostentou cinco naves — por ventura apenas divisões teóricas demarcadas por colunas de apoio, mas que representariam largueza na traça arquitectónica. Esta traça desapareceu completamente numa reedificação radical de 1733-1740, que deu ao templo outra planta, fazendo recuar a capela-mor sobre o troço da rua, a Sul, ainda hoje incluído no largo de Santo Estêvão. Além da reconstrução posterior ao Terramoto, concluida em 1775, a qual não lhe alterou a área nem a configuração, Santo Estêvão beneficiou de restauros de 1833 a 1848, e de reparos já no actual século.

A paróquia, enquanto duraram as obras da igreja impostas pelo Terramoto (1755-1773) esteve instalada na desaparecida ermida de Nossa Senhora do Rosário (no local do Arco do Rosário, no Terreiro do Trigo); durante os quinze anos de restauro no século passado albergou-se na ermida do Espirito Santo, ou dos Remédios, ao largo do Chafariz de Dentro.

INVENTÁRIO

A igreja de Santo Estêvão está situada numa elevação, na qual se construiu um vasto adro amparado a uma muralha.

Exterior

Quanto ao Exterior anota-se:

A **Frontaria,** orientada a Poente, com um *corpo levemente avançado* dos dois corpos laterais, e nela: três *portais* coroados de ática, sendo o do centro mais alto e destacado, sobre cuja verga se vê a data de 1773 (reconstrução depois do Terramoto); três janelas quadradas sobre os portais e três janelões no plano superior; o tímpano, com óculo iluminante; uma *torre,* sobre o corpo lateral direito (Sul) com ventanas sineiras e coroamento, erguida no período da reconstrução citada (a torre do lado esquerdo também caiu em 1755, e dela existe apenas o envasamento primitivo);

A trazeira da capela-mor, saliente do corpo do edifício, apoiada sobre grossa cachorrada, construída em 1733-1740, e na qual, ladeando a passagem do largo de Santo Estêvão, ao alto das escadinhas, se vê um *painel de azulejo* com a representação da Eucaristia, legenda latina, tirada dos Salmos, e uma data, 1722.

Interior

No Interior, a igreja é de forma octogonal, como as do Menino Deus, Santo Amaro, Penha de França e Corpo Santo.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja,** revestido de materiais nobres, cujas faces do octógono são divididas por pilastras caneladas, e nele:

O *tecto,* pintado a claro-escuro, sobre estuque, simulando nervuras de artesão rematadas por fecho;

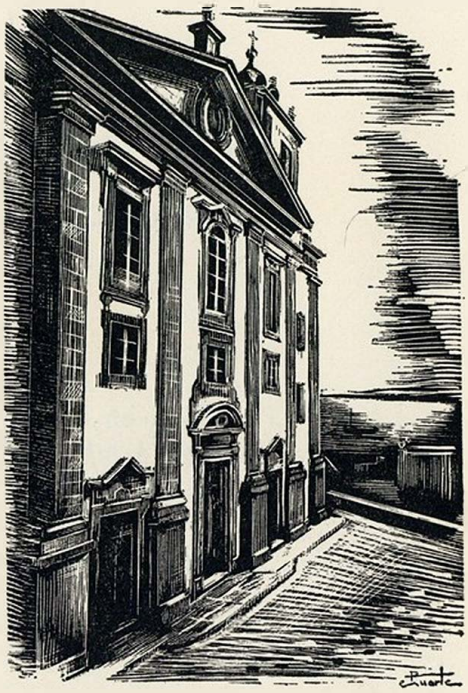
O *coro,* apoiado em pilastras de quatro faces;

Seis *capelas* (três por cada lado) correspondendo a outras tantas faces do octógono (as outras duas faces correspondem ao sub-coro e ao arco da capela-mor), sendo as intermédias mais largas, emolduradas todas por arco de volta perfeita, com altares muito belos, e que se descrevem: pelo lado esquerdo, a primeira capela, de Nossa Senhora do Monte Carmo, cujo altar e sua guarnição é em madeira pintada simulando mármore; a segunda, de Nossa Senhora da Conceição (imagem de roca), com um medalhão, em mármore, de Sant'Ana, cuja guarnição de altar, todo de mármore, é de colunas salomónicas negras, com mosaicos florentinos na banqueta; a terceira, do Senhor Jesus dos Aflitos, também de mármore, sendo as colunas salomónicas, mais largas nos torcidos, de mármore rosa da Arrábida; pelo lado direito, a primeira capela, de S. Domingos, primitiva, é de madeira, como a que lhe fica fronteira, já descrita; a segunda, de Santo António, é cópia exacta,

em madeira pintada, da que lhe fica fronteira; a terceira, de Nossa Senhora das Dores, é toda de mármore, idêntica em absoluto à que lhe corresponde do lado oposto.

A Capela-mor, sector nobre do templo, toda de mármore, fazendo lembrar a da Igreja de S. Domingos, salvas as dimensões, e nela: a *abóbada* de aresta, em cujas faces se vêem os Evangelistas, e ao centro o símbolo da Eucaristia (factura posterior à dos Evangelistas, ou mal restaurada); o *altar-mor*, ostentoso, e, nele, o frontal e banqueta em embutidos florentinos, a *guarnição*, de duplas colunas salomónicas de mármore rosa da Arrábida, apoiadas em bases ricamente lavradas, a coroação ou remate, sobre o trono, *composição escultórica*, em mármore alvíssimo, que representa um Cristo crucificado ladeado por dois serafins, obra de arte pura de José de Almeida, com colaboração de Jerónimo da Costa, e que foi executada — parece — para o mosteiro de Mafra, onde chegou a estar colocada, e transferida depois para esta igreja; uma *imagem* de Santo Estêvão, escultura de Nicolau Pinto.

O *cartório*, pequena sala correspondente à do baptistério na situação, à entrada do templo (antiga capela de Nossa Senhora das Dores), com um *silhar de azulejos* setecentistas figurando cenas bíblicas (nesta dependência se encontram alguns objectos arqueológicos e imagens antigas, entre as quais uma de Santo Estêvão).



Num terreiro sobre o Tejo, Santo Estêvão

No adro da igreja eleva-se um *Cruzeiro*, seiscentista (que deve ter substituído um muito mais antigo), com uma legenda no soco: «Este sinal de redenção, que um devoto aqui fez pôr, pede com devoção se louve o Redentor. Pelas Almas um Padre Nosso e uma Avé-Maria. 1669».

IGREJA DOS OLIVAIS

(SANTA MARIA DOS OLIVAIS)

Século XV

Fundação	Antes de 1420
Restauros	Séc. XVI e XVII
Reconstrução	3.º quartel do Séc. XVIII
Restauros	Séc. XIX
Paróquia	Séc. XIV ou XV

[Freguesia civil dos Olivais]

Breve notícia histórica

A igreja dos Olivais, sita junto à praça da Viscondessa dos Olivais, é uma reedificação posterior ao Terramoto, e restaurada já no século passado. Mantém o orago antigo de Nossa Senhora ou Santa Maria dos Olivais, cuja imagem primitiva, segundo piedosa lenda, teria aparecido na cavidade de uma oliveira.

A paróquia dos Olivais remonta—segundo afirmam alguns escritores—ao tempo de D. João I, existindo já o templo em 1420, havendo antes tido «muitos priores». Naquele ano instalaram-se em dependências da igreja primitiva, e nelas se mantiveram durante algum tempo, alguns dos cónegos de S. João Evangelista (Loios), mais tarde passados ao convento de Santo Elói. Na actual igreja dos Olivais nada perdura que acuse antiguidade, ou recorde o primitivo templo quatrocentista, ou sequer denuncie obras de restauro — que certamente se realizaram — nos séculos XVI e XVII. Apenas a face lateral extrior, do lado Norte, guarnecida de contrafortes, e uma galeria interior, em escadaria, contigua à nave pelo mesmo lado, nos podem fazer recuar ao século XVII.

O Terramoto de 1755 provocou grandes estragos na igreja dos Olivais, que teve de ser quase inteiramente reconstruida.

O lugar dos Olivais, que pertenceu ao Termo de Lisboa, extinto em 1852, foi concelho autónomo desde então até 1886, ano em que se integrou nos limites da cidade.

INVENTÁRIO

A igreja dos Olivais, orientada a Poente, está desafogada de outras construções e guarnece-se, à frente, de um adro murado, no qual se ergue um Cruzeiro, *de pedra, com a base lavrada, nas quatro faces, e contendo uma legenda datada de 1636.*

Exterior

No Exterior anota-se:

A **Frontaria,** pobre, em corpo único, de linhas simples, e nela:

A *porta,* ao nível do adro, sem guarnição trabalhada, e coroada na verga por *tímpano* raso;

Uma *janela* iluminante, gradeada, com vidraças azuis;

O *frontão* simples;

A *Torre,* à direita do observador, com frestas, e coroada por *sineira,* de cúpula acachapada, em cujo arco da ventana frontal está colocado o relógio, moderno, com mostrador de vidro, particuaridade única nos relógios de igrejas.

A *fachada lateral* Norte, e nela contrafortes ou pequenos gigantes de apoio anteriores à reedificação setecentista.

Interior

No seu Interior a igreja de Santa Maria dos Olivais é muito pobre.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja,** de nave única, e nele:

O *tecto,* de estuque, em arco de cesto, simplesmente caiado, como as paredes (limpezas do final do século XIX);

O *coro,* pobre, de madeira;

O *baptistério,* à esquerda do guarda-vento;

Duas *pias* de água-benta, em mármore rosa, corcomido, uma de cada lado do guarda-vento, armoriadas de brazões nobres, diferentes um do outro;

A *antiga capela* do Santíssimo, reentrante, à direita, junto ao arco da capela-mor;

Um *altar,* de madeira, fronteiro àquela capela, com colunas salomónicas setecentistas, da invocação de Nossa Senhora de Lourdes (antigo de Santa Filomena);

Dois *altares,* nos topos, de guarnição idêntica à do anterior citado, com as invocações de Nossa Senhora do Rosário (imagem muito antiga) e do Coração de Jesus.

A **Capela-mor,** e nela:

O *tecto,* em estuque, de arco de cesto, com pinturas ornamentais, a têmpera;

Painéis de bons azulejos setecentistas, historiados, com guarnição policroma, dando representação de cenas da vida da Virgem;

Dois *quadros,* um em cada parede lateral, pintura medíocre, representando os Reis Magos e o Nascimento de Cristo;

Altar-mor, ocupando toda a parede do fundo, em madeira, com duplas colunas salomónicas, vendo-se sobre a banqueta a *imagem* de Nossa Senhora da Assunção, que se supõe ter pertencido à capela desta invocação do convento de Santo Elói, à qual a igreja dos Olivais esteve unida, para efeitos de cobrança de dizimos, desde 1483 a 1834.

A Sacristia, e nela:

O *revestimento* das paredes, com composição inteiriça de talha dourada e decorações sacras, envolvendo, de cada lado, três quadros a óleo, emoldurados e envidraçados, representando S. José, S. Caetano e Virgens Mártires;

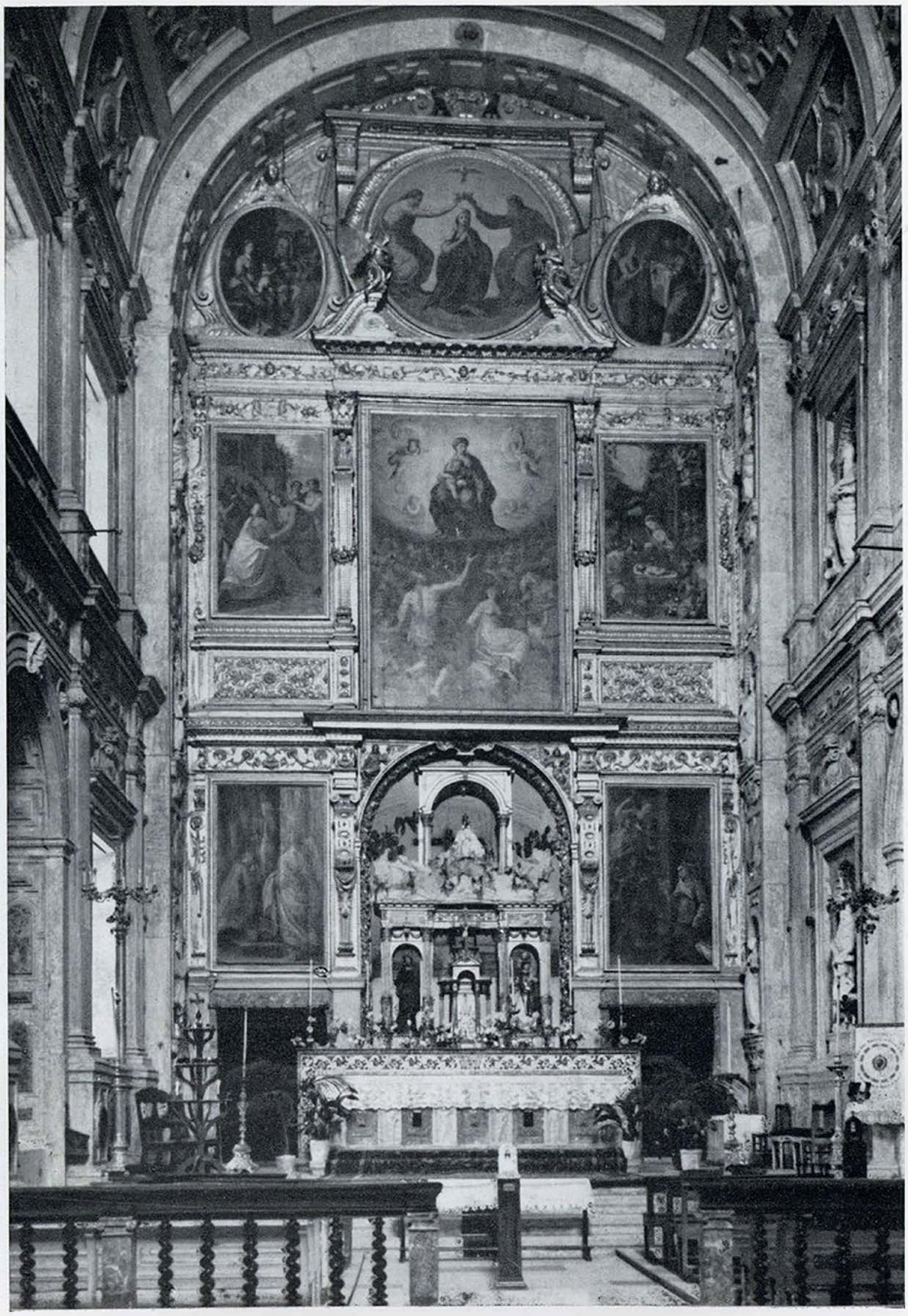
O *altar,* de fundo, com guarnição idêntica à das paredes, em talha estilizada, envolvendo relicários e mísulas, no qual se conserva a imagem, antiga, de roca, da padroeira, Santa Maria dos Olivais, que em tempos ocupou o lugar central do altar-mor da igreja;

O *tecto,* em estuque, abaulado, com pinturas de grinaldas.

(A guarnição de talha desta sacristia, pertenceu ao convento de S. Cornélio dos Olivais).

(Numa dependência, à esquerda da capela-mor, assenta uma pedra sepulcral armoriada, seiscentista, e no chão da capela-mor, outras se vêem, duas delas com caracteres góticos, que devem ter sido aqui colocadas provindo de outro local).

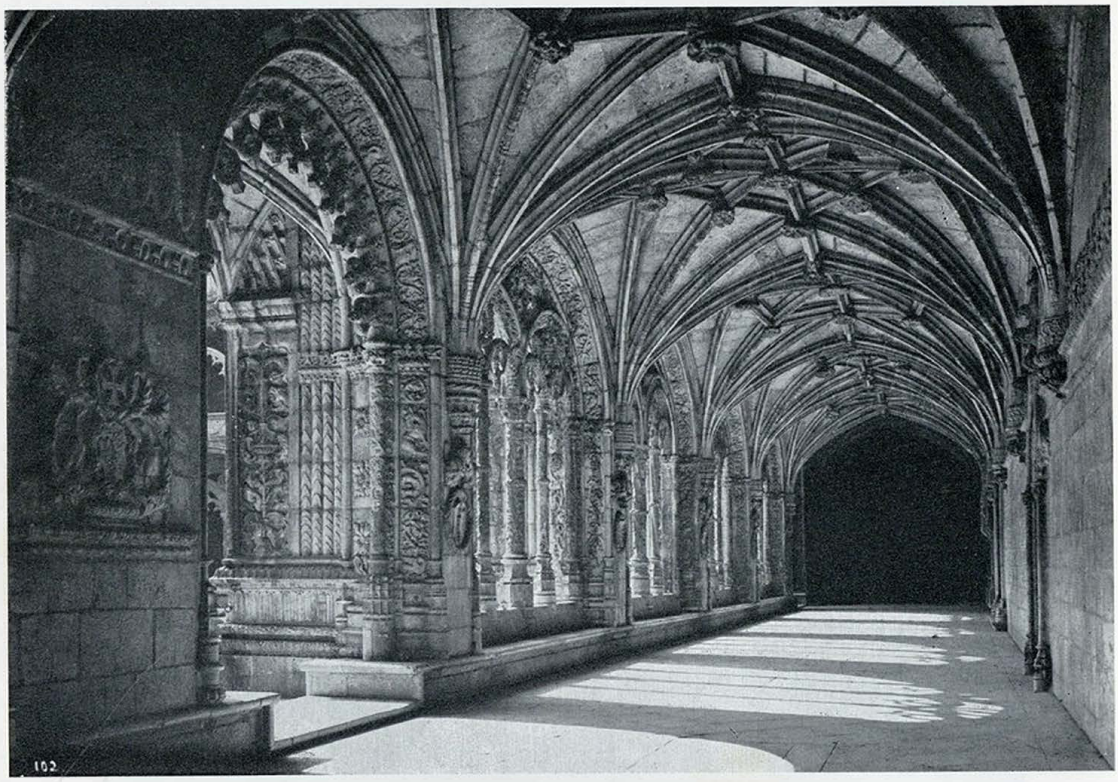
IGREJA DA LUZ



A capela-mor e o precioso frontal renascença

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

IGREJA DOS JERÓNIMOS



Um dos lanços térreos do claustro, do «mestre de pedraria» Boytac

IGREJA DA LUZ

(S. LOURENÇO DE CARNIDE)

Século XV

Fundação	1463
Reconstrução e ampliação	1575-1597
Amplos restauros	1833 e 1939
Paróquia de S. Lourenço de Carnide	Antes de 1342

[**Freguesia de Carnide**]

Breve notícia histórica

A freguesia eclesiástica de S. Lourenço de Carnide está desde 1918 instalada na igreja do convento da Luz, e, segundo o plano deste capítulo do «Inventário», é a este templo que nos havemos de referir. A sede primitiva da freguesia, que remontava a 1342 (?) e se situava, com seu adro e velho cruzeiro, no vértice da estrada da Correia e da Pontinha, está hoje em ruínas, esperando remoção de entulhos; possuia bca obra de talha e os seus azulejos, alusivos ao orago, estão depositados no Museu Municipal de Galveias. O último acto sacramental na igreja primitiva foi um baptizado em 30 de Março de 1913.

Não se conhece a data certa da fundação da paróquia, sabendo-se que existia em 1342, segundo uma lápida ainda há poucos anos existente. A freguesia instalou-se, depois de Março de 1913, na capela do Seminário dos Inglesinhos, em Carnide, onde esteve até Setembro de 1918, que foi quando se instalou na igreja do Convento da Nossa Senhora da Luz. Esta igreja pertenceu ao convento dos freires da Ordem de Cristo, aos quais D. João III doara uma ermida que ali se erguia desde cerca de 1463.

Foi a Infanta D. Maria quem promoveu à sua custa, em 1575, a reconstrução da igreja e a construção da magnificente capela-mor, obras só concluídas em 1597.

O Terramoto de 1755 arruinou o templo e o convento, resistindo apenas a capela-mor e o arco do cruzeiro, ficando o corpo da igreja com sua fachada de tríplice arcaria, e cinco janelas sobre o segundo entablamento. Assim se conservou até 1833, ano em que a frontaria foi apeada e a parte arruinada se demoliu, construindo-se então a fachada actual como se fosse um taipal de disfarce.

Em 1939 a igreja recebeu restauros.

INVENTÁRIO

Situa-se no largo da Luz, ao pé do Colégio Militar, estando voltada a Nascente.

Exterior

A igreja de Nossa Senhora da Luz, sede paroquial de S. Lourenço, de Carnide, oferece pouco interesse no seu Exterior, apenas valorizado pela reentrância lateral, e cavada abaixo do nível actual da rua, e que corresponde à «Fonte da Mina milagrosa».

Assinala-se:

A Frontaria, lisa, construção de recurso já do meado do século XIX, com o portal simples, duas janelas cegas, e a janela iluminante de vidraças, ao centro;

A *fachada lateral,* voltada a Sul, com o corpo extremo que corresponde à parede do transepto, ornado de um óculo iluminante e uma janela de grades;

A chamada «*Fonte Milagrosa*», na fachada lateral, conjunto de espaldar alto, em mármores e cantarias, rematado por uma cimalha saliente sobre cachorrada; e nela; em baixo, o *arco* em cantaria emoldurando a bica da fonte, da qual já não corre água, e ladeado por duas cruzes embebidas na parede; o *brazão,* coroado em relevo saliente, da *Infanta D. Maria* (armas do reino, em lisonja), ladeado por duas *placas* de mármore rosa, com legendas que dizem da fundação do templo; superiormente, sobre o brazão e sob a cimalha, um nicho contendo a *imagem,* de mármore, de *Nossa Senhora da Cruz,* na iconografia tradicional;

A escada e boca da *mina,* contígua, pelo Poente, à reentrância de espaldar citada, e nelas: panos de silhar de *azulejos, espano-árabes,* dos tipos de Sintra e Tomar, guarnecendo as paredes da escada; uma cruz de pedra, tosca, embebida na parede de fundo da escada, situada sobre cinco peças de azulejos espano-árabes, semelhando *besantes em cruz;* o *portal* da boca da mina, *manuelino,* com colunas torcidas, muito bem conservado, e encimado por uma Cruz da Ordem de Cristo;

A *torre de campanário,* erguida sobre uma prumada alta, e na qual, numa das faces, se vêem ainda azulejos que envolveram o antigo mostrador do relógio do sol (retirado em 1939).

Interior

No Interior da igreja existem a capela-mor e um tramo do corpo primitivo, de alta abóbada em arco de cesto, em mármore de quadrelas e caixotões.

Assinala-se, sumàriamente:

A Capela-mor (monumento nacional), toda revestida de mármores brancos e rosa, da Arrábida, com a cobertura, de estilo clássico quinhentista; e nela:

O *altar-mor,* contido no interior do arco da parede que separa a capela da sacristia

(antigo coro), constituindo um trono com imagens e o sacrário, tudo em talha dourada, do tipo do século XVI; e nele: a *banqueta*, em mármores embutidos florentinos, e o precioso *frontal*, em estilo renascença quinhentista, de jaspe trabalhado, obra atribuída a João de Ruão, no qual avultam sete figuras simbólicas (a Fé, a Fortaleza, a Justiça, etc.), e outros lavores de arte;

Oito *painéis, quinhentistas*, obra do pintor real Francisco Vanegas, quase todos assinados, colocados na parede onde se abre o arco do altar, representando o principal, ao centro, Nossa Senhora da Luz na figuração do milagre que a dá aparecendo ao pobre Pero Martins; os três, do alto, a «Coroação da Virgem», ao centro, e a «Adoração dos Reis» e a «Apresentação», aos lados; a «Adoração dos Pastores» e a «Visitação», ladeando o painel principal, e a «Assunção» e «Nossa Senhora com S. Joaquim», ladeando superiormente o altar;

O *arco* grande, sobre o *altar-mor*, em cujas pilastras de boa lavra de mármore se abrem três nichos de cada lado, contendo *estátuas*, em mármore branco de Estremoz, representando seis Apóstolos; o *arco* grande da *capela-mor* que abre para o corpo da igreja, de traça igual e contendo em nichos *estátuas* representando os outros seis Apóstolos;

A *parede* do lado direito, na qual se abrem cinco nichos, contendo cinco grandes *estátuas* de mármore branco, representando a do centro Nossa Senhora da Luz, e as outras quatro os Evangelistas;

O **Túmulo da Infanta D. Maria,** em cripta, ao centro da capela-mor (monumento nacional) coberto de lousa rasa sem legenda (foi-lhe retirada em 1939 a almofada abaulada em mármore que o assinalava, a qual se encontra na sacristia);

Os altares-capelas da capela-mor, com *retábulos quinhentistas*, representando o do lado direito a «Circuncisão», e o do lado esquerdo a «Sagrada Família», pintura talvez de Vanegas.

A Fachada lateral sul com a Fonte Milagrosa

O **Corpo da igreja** é constituído por um único tramo, que fazia o transepto primitivo; e nele:

O *altar* do topo direito (de Nossa Senhora dos Aflitos), com retábulo, em arco de emolduração, no qual se encontra um Cristo crucificado, em madeira, *escultura* do fim de *quinhentos*, que assenta sobre *duas tábuas* pintadas (século XVI), em friso, nas quais se representam Santo António e S. João Baptista, Santa Luzia e Santa Águeda: o *altar*

correspondente, do topo esquerdo (de invocação actual da senhora de Fátima), no qual se encontra, em fundo, um *retábulo* que representa «S. Bento dando a regra aos monges», e no qual figuram D. Manuel e a Infanta D. Maria, esta de aspecto juvenil, um e outro *retratos valiosos* como pintura e documento iconográfico e de sumptuária;

A **Sacristia,** cujo altar, todo de mármore, constitui o tardoz do altar-mor, aposento que destoa, pela pobreza rebocada das paredes, da magnificência da capela-mor, e no qual se vêm uma imagem-escultura do século XVI, pintada e dourada (Senhora dos Remédios), e um frontal armoriado da mesma época.

IGREJA DO COLEGINHO

(NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO)

Século XV

Fundação	Depois de 1496
Reconstrução	1764
Restauro	1.º quartel do Séc. XIX
Paróquia do Socorro	1596

[Freguesia civil do Socorro]

Breve notícia histórica

Segundo a tradição a antiga igreja do Coleginho (Colégio velho de Santo Antão) ocupava o local da mesquita do arrabalde da Mouraria, se não o próprio templo, desafectado do culto muçulmano após a expulsão dos judeus e mouros decretada por el-rei D. Manuel em 1496. Colocada sob a invocação da Anunciação da Virgem, transformou-se em igreja conventual depois que em 1519, numas casas anexas, se instalaram as dominicanas vindas do mosteiro de Jesus, de Aveiro.

As madres trocaram esta residência pela dos Cónegos regrantes de Santo Agostinho, na Corredoura, de invocação de Santo Antão (no local da actual igreja de S. José). Passaram os Agostinhos a residir no mosteiro da Mouraria, até que em 1542 o cederam aos Jesuítas, para nele instalarem uma Residência, que depois se transformou em Colégio.

Pelo aumento da população escolar a Companhia transferiu os estudos para o novo e magnífico edifício que seria o Colégio novo de Santo Antão (hospital de S. José), conservando-se, porém, em Santo Antão da Mouraria (depois de um simulacro de venda aos Gracianos em 1587) uma residência (1593) extinta quando Pombal expulsou os Inacianos (1759).

Ignoram-se as obras de que o templo teria beneficiado, mormente no primeiro século da sua história (é de presumir que as tivesse havido no segundo quartel do século XVII) mas sabe-se que o Terramoto causou nele grandíssima ruína, que conduziu a uma reconstrução, concluída em 1764, e lhe imprimiu a feição actual. Já então (e até 1833) o templo estava anexo à residência dos Padres redentoristas de S. Libório, sucessores conventuais dos Jesuítas. Extintas as ordens religiosas, foi a igreja entregue à irmandade de Nossa Senhora do Bom-Despacho, sendo anos volvidos desafectada. Reaberta ao culto em 1938, nela se instalou a sede eclesiástica da freguesia do Socorro (1951).

No edifício monástico esteve em 1840 uma companhia das Guardas Nacionais; actualmente ocupam-no vários serviços do Ministério do Exército.

Apontamento a reter: Foi na igreja do Coleginho que antes de partir para o Oriente S. Francisco Xavier prègou pela última vez. O claustro, hoje profanado e deturpado pelas obras do século XIX, então silencioso e perfumado de flores, foi o ambiente pobre e recolhido onde o grande Apóstolo, acendido de fé, se transfigurava na ânsia da sua missão e no desejo do martírio, repelindo as tentadoras ofertas del-rei D. João III, e cubiçoso da oferta maior que lhe prometia o Rei dos reis.

[*A antiga igreja do Socorro foi edificada em 1646, destruída pelo sismo de 1755 e concluída a nova edificação em 1816. Demolida em 1951-2 para alargamento da rua da Palma. A freguesia data do ano de 1596 e esteve instalada durante meio século na ermida da Saúde*].

INVENTÁRIO

A igreja do Coleginho, actual paróquia da freguesia religiosa do Socorro, orientada a Poente, situa-se na rua do Marquês de Ponte de Lima, em plena Mouraria de cima. Defronte esgueira-se, numa aberta do casario, o beco dos Três Engenhos; umas dezenas de passos a Norte rasgam-se, descendo ao vale a antiga rua Suja (rua da Guia) e subindo para Santo André, a da Amendoeira. Mais além ficam a rua dos Cavaleiros, o Terreirinho e as Olarias, onde foi o «almocavar» ou cemitério dos mouros e judeus.

Exterior

Há a assinalar:

A Frontaria, de elegante traçado arquitectónico, de corpo único ladeado por pilastras às quais serve de remate o frontão, com óculo. Nela:

O *pórtico,* sem adro e cujo acesso é feito por cinco degraus, formado por duas colunas jónicas ao modo néo-clássico, sobre as quais assenta o frontão curvilíneo, truncado, que emoldura o espaldar.

No andar superior três *janelas* com moldura e tímpano. Sobre elas corre a cimalha real, com friso e cornija.

Interior

A igreja do Coleginho quase nada conserva da sua traça quinhentista; é um templo com as características próprias de todos os de Lisboa, reedificados após o Terramoto. Embora pequeno, é notável pela riqueza e elegância da cantaria.

Apontam-se:

O **Corpo da igreja,** de uma só nave, e nele:

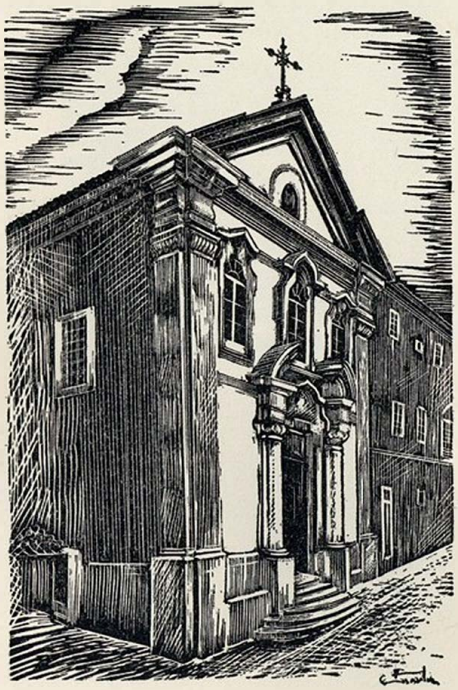
O *tecto,* abobadado, de estuque branco, sem qualquer ornato;

O *coro,* que assenta em grande arco deprimido, cujas extremidades se apoiam em consolos de pedra lavrada, e com balaustrada de madeira. Recebe luz dos três janelões e do óculo da frontaria, e bem assim de uma das janelas laterais;

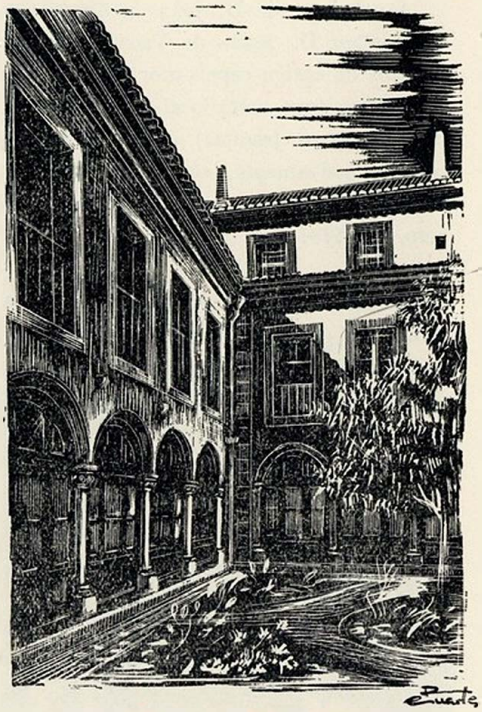
O *subcoro,* com três painéis de azulejos por lado, setecentistas, com molduras e rodapé decorativo, polícromo;

Duas *capelas,* uma por lado, reentrantes, com pilastras, arco, cornija e tímpano de pedra. Frontais e altares de madeira dourada e pintada com fingidos, tão vulgares no século XVIII. À direita Nossa Senhora da Conceição, à esquerda o Senhor Crucificado, imagens antigas, de estofo;

Duas *capelas* nos topos, também reentrantes e da mesma traça que as laterais. *Painel* com a figuração de «Nossa Senhora das Dores» (pintura do século XVIII) na do lado do Evangelho;



Fachada



Claustro quinhentista

Dois pequenos *painéis* de azulejos polícromos, entre os confessionários, e silhar alto. As portas laterais da nave (quatro) adaptadas a *confessionários* com taipais de madeira lavrada. Na parede esquerda alta três *janelas* iluminantes, abrindo uma delas sobre o coro.

A Capela-mor que fica para além de um arco triunfal de pedra, em estilo néo-clássico (como os das duas capelas da nave) ao qual se sobrepõem dois óculos e *tribuna* com moldura de pedra trabalhada que forma caixilho a *painel* com o «Ecce Homo» (séculos XVI ou XVII). E nela:

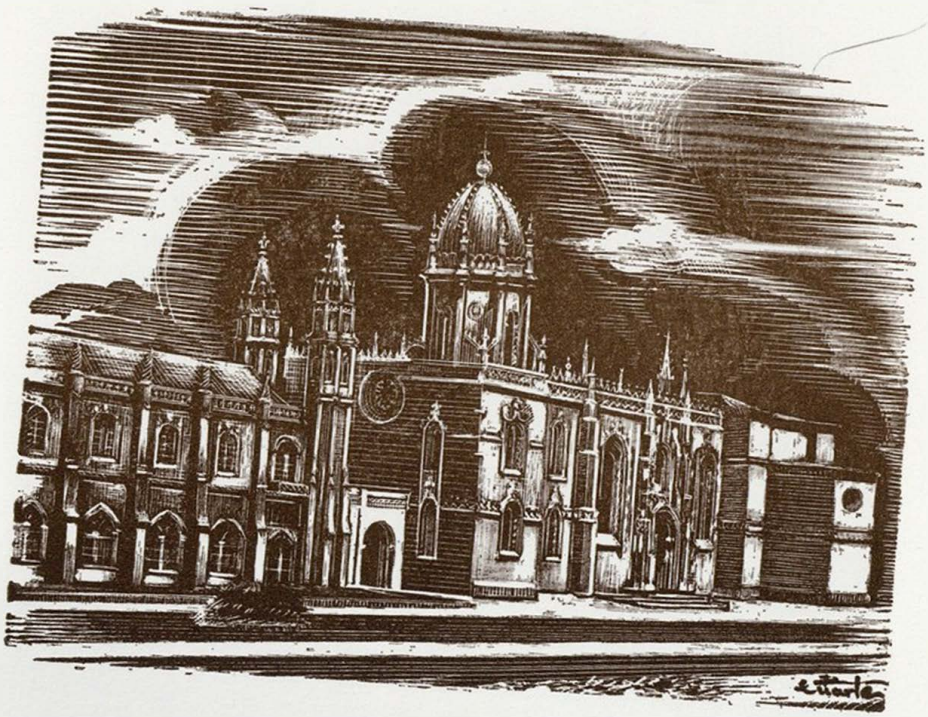
O *altar-mor* com frontal de madeira, camarim e trono, setecentista (imagem do orago, proveniente da antiga igreja do Socorro) e mísulas laterais;

A *sepultura* de D. João da Costa e de sua mulher D. Joana de Vasconcelos, padroeiros da antiga capela-mor da igreja dos Agostinhos (que neste local, como se disse, precederam os Jesuítas) e que foi reedificada, sucessivamente, por D. João da Costa, em 1639, e pelo quinto conde de Soure, seu neto, em 1784.

A **Sacristia,** antiga portaria do mosteiro, com tecto de madeira apainelado e armoriado. O fundo é ocupado por um grande e precioso *arcaz* com frontal ornamentado de espelhos e com nicho central (imagem de Nossa Senhora do Amparo, proveniente do Recolhimento do Amparo, na Mouraria). A esquerda enorme *painel* de azulejo com uma representação alegórica de Santo Agostinho (século XVII), ao qual é fronteiro outro, que emoldura um valioso *lavabo* de pedra embotida. Ao centro *mesa* do mesmo género de trabalho, com pedestal hexagonal digno de notícia pelo trabalho e pelo combinado das cores.

O **Claustro** é possìvelmente a única parte do edifício, quinhentista. É um pequeno rectângulo formado por quatro arcadas de vinte vãos entre colunelos com capitéis de corda entrançada. As vicissitudes do tempo não lhe causaram qualquer ruína aparente.

(Nas *dependências* da igreja merecem ainda referência o rico armário de três corpos, à entrada da antiga portaria, que encobre outro painel de azulejos, e algumas pinturas (séculos XVI a XVIII) de assunto místico, das quais se assinalam uma pequena tela representando a Santa Face, «Salvator Mvndi», S. Francisco Xavier e «Nossa Senhora do Bom Despacho». Uma, pelo menos, lembra a maneira de Josefa de Óbidos).



Jerónimos

IGREJA DOS JERÓNIMOS

(SANTA MARIA DE BELÉM)

Século XVI

Fundação	1502
Ampliações e transformações	Séc. XVI
Restauros e transformações	Séc. XIX e XX
Paróquia	1833

[Freguesia de Belém]

Breve notícia histórica

O mosteiro dos Jerónimos, com a sua igreja — monumento nacional por excelência — começou a ser construído em 1502, embora a bula do papa Alexandre VI, que aprovou o projecto, date de 1496, isto é, um ano antes da largada da frota de Vasco da Gama para a Índia. Não foi construído com sequência e ritmo uniforme, e dentro do século XVI assinalam-se três períodos de obras. Foram arquitectos «mestre» Boytac, que trabalhara na Batalha e em Santa Cruz de Coimbra, e depois, sucessivamente, João de Castilho, Nicolau de Chanterene, Diogo Torralva e Jerónimo de Ruão. É um monumento essencialmente manuelino, num estilo gótico português, depois enriquecido com a arte da Renascença.

Recebeu obras de restauro, meramente decorativas ou de conservação, nos séculos XVII e XVIII, e ainda em 1940, estas tendentes a corrigir desmandos e a reintegrar o templo e o conjunto monumental na sua feição primitiva.

A paróquia de Santa Maria de Belém foi criada em 28 de Dezembro de 1833 em área desanexada da de Ajuda, e instalada em 23 de Março do ano seguinte na igreja dos Jerónimos, onde aliás, já desde 1762, pelo menos, se ministravam sacramentos que competiam à jurisdição eclesiástica da freguesia da Ajuda.

A freguesia pertenceu até 18 de Julho de 1885 ao concelho de Belém, incorporando-se então no município de Lisboa.

Para mais lato conhecimento da história do mosteiro e igreja dos Jerónimos, veja-se este «Inventário de Lisboa», fascículo 1.º, págs. 41 e seguintes.

INVENTÁRIO

A Igreja do Jerónimos, sede paroquial da freguesia de Belém, é notável pelas suas fachadas, verdadeiro documento da arte arquitectónica e escultural, pelo corpo da igreja, transepto, coro, subcoro, capela-mor (séc. XVII), sacristia, e ainda pelo cláustro, galerias, Casa do Capítulo, refeitório e anexos.

Veja-se o seu Inventário pormenorizado no fascículo 1.º desta obra, pág. 43 e seguintes.

IGREJA DA AMEIXOEIRA

Capela-mor

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

IGREJA DE S. PAULO

A fachada, já sem a grade do adro, tal como hoje se apresenta

IGREJA DA AMEIXOEIRA

(NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO)

Século XVI

Fundação	Antes de 1539
Ampliações e reedificações	1664 e 1682-1685
Restauros	3.º quartel do Séc. XVIII
Paróquia	1536

[**Freguesia civil da Ameixoeira**]

Breve notícia histórica

O templo de Nossa Senhora da Encarnação e do Santissimo Sacramento, Nossa Senhora do Funchal até 1591, existia já em 1539, outros dizem que mesmo antes de 1500 (há a tradição de ter sido edificado sobre os alicerces de uma igreja do século VII), não passando de ermida dependente da paróquia do Lumiar, e de que eram donatárias as freiras de Odivelas.

A igreja foi ampliada, ou reedificada, em 1664, e ainda beneficiou de grandes obras, de 1682 a 1685, construindo-se então a actual capela-mor. Concorreram com esmolas el-rei D. Pedro II e D. Miguel de Portugal, conde de Vimioso.

Pelo Terramoto padeceu parcial ruina, caindo a frontaria e o coro, e fendendo-se as paredes; os restauros demoraram até 1760.

A paróquia foi criada em 1536, em território desanexado da freguesia de S. João Baptista do Lumiar, o que suscitou demorado litígio com as Donatárias e a igreja sufragante. Impugnada a bula de 1539, que confirmara a criação da paróquia, o litígio só veio a terminar passados seis anos. A freguesia pertenceu ao termo de Lisboa até 1885, ano em que se integrou na área citadina.

[Teve fama o Cirio da Ameixoeira e a ele ficou ligado um dos episódios sanguinolentos das Invasões Francesas, quando na manhã de 4 de Julho de 1808 os soldados de Margeron o surpreenderam e espingardearam na estrada do Alcoentre, levando como troféus os pendões que processionalmente empunhavam os inofensivos romeiros].

INVENTÁRIO

A igreja da Encarnação está situada na estrada da Ameixoeira, à direita, a umas escassas centenas de metros da estrada do Desvio para o Nascente, à margem dum pequeno largo, com cruzeiro. Vista panorâmica sobre a várzea da Santa Susana ou da Ameixoeira (Amijoeira ou Mixoeira), os altos de Montachique e o vale encaixado que leva a Odivelas.

Exterior

No templo, orientado a Poente, há a mencionar:

A **Frontaria,** de *corpo único,* e nela:

A *porta,* sobrepujada por tímpano, e no plano superior uma janela rectangular, iluminante do coro; tímpano com pirâmides de remate; *torre* sobre a prumada direita, com ventanas e mostrador de relógio.

Na parede exterior da capela do Santíssimo inscrição lapidar, brasonada, referente aos instituidores, Manuel Vieira da Maia e D. Beatriz de Brito.

Interior

Interiormente, apesar dos restauros do século XVIII, a igreja conserva, e em especial na capela-mor, a sua feição seiscentista.

Distinguem-se:

O **Corpo da igreja,** de uma só nave, revestido no baixo de grandes painéis de azulejo, com molduras de pilastras, anjos e festões representando o «Natal», a «Anunciação», a «Adoração dos Magos» e «dos Pastores», sendo dois por lado do subcoro, um do lado do Evangelho e outro do lado oposto; no alto, estuque pintado, em relevo, com simbologia litúrgica; e nele:

O *tecto,* de madeira, de três faces, em quartéis, pintado com emblemas religiosos, e ao centro «A Encarnação», obra do século XVIII atribuída a Pedro Alexandrino;

O *coro,* assente sobre mísulas, com varanda de madeira pintada;

Duas *capelas* com guarnição em arco de cantaria, reentrantes, a do lado esquerdo, antiga do Santíssimo (de que conserva as portas de madeira dourada) com retábulo pintado, «Senhor Morto», e fronteira outra, com camarim, onde se expõe a imagem da Senhora das Dores.

Uma capela à direita, em pequena dependência, dedicada a «Nossa Senhora do Perpétuo Socorro».

Dois altares móveis, modernos, no topo (Coração de Jesus e Nossa Senhora de Fátima);

Um *púlpito* por lado, com avental de talha e por cima *janelas* iluminantes.

A **Capela-mor** revestida de alto rodapé de pintura decorativa, modesta, sobre o qual correm ricos ornatos de talha formando moldura a «S. Cristóvão», «As bodas de Caná», e «Santa Bárbara», a primeira e última pintura atribuídas a Pedro Alexandrino e a segunda a Bento Coelho (século XVII) bem como a tela fronteira, representando «A Ceia»; no plano superior duas *janelas* por lado, emolduradas de talhas; o *tecto* de pintura em estuque, com grotescos;

O *altar-mor* com rico retábulo de talha, da época de reconstrução, tendo no camarim a imagem do orago (século XV), segundo a tradição piedosa *aparecida* a uns rústicos sobre uma oliveira. Em nichos laterais S. José e Santo António (século XVII);

Na pequena *sacristia* há apenas a assinalar o silhar de azulejos do século XVIII, do género tapete.

(Além das imagens já descritas, merecem referência: pela ternura e beleza da escultura o pequeno grupo Santana e a Virgem, da capelinha da Senhora do Socorro, de madeira estofada e pintada; as *sepulturas* rasas do cruzeiro e da capela-mor, séculos XVI e XVII, de várias pessoas da família dos Foios, possuidores de quintas e solar na Ameixoeira, com valimento junto dos reis da segunda e quarta Dinastias).

IGREJA DE S. PAULO

Século XVI

Fundação	Antes de 1593
Reedificação	2.ª metade do Séc. XVIII
Restauros.	Séc. XIX e XX
Paróquia	1566 (?)

[Freguesia civil de S. Paulo]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Paulo é uma construção integral do final do século XVIII, pois começada a erguer-se em 1768 quinze anos depois apenas estavam de pé a capela-mor e as sacristias. Foi edificada com o produto de esmolas e de uma subscrição pública, o que pode explicar a demora no seu acabamento.

Sucedeu ao edifício paroquial que o Terramoto destruiu, e que remontava a 1566, segundo se crê, sendo certo apenas que existia em 1593. Quanto à paróquia admite-se que haja sido criada naquele ano de 1566, tempo em que governava a diocese o Cardeal D. Henrique. A circunstância de na primitiva igreja ter existido uma lápida com a data de 1412 levou a crer que fosse este o ano da fundação paroquial, mas parece mais verosímil dar aquela data como a da instituição de uma confraria.

A igreja de S. Paulo assenta sensivelmente no local da primitiva, mas com outra orientação, pois tem a porta principal voltada ao Nascente e a do templo anterior olhava o Poente. O arquitecto foi Remígio Francisco de Abreu, que fez desaparecer o adro com o cruzeiro, o qual se situava defronte do forte de S. Paulo, actual praça de D. Luís.

Logo em seguida ao Terramoto, e depois de ter estado instalada um dia apenas na desaparecida igreja do convento de S. João Nepomuceno, a paróquia passou para a ermida de Santo Ambrósio, ao Rato, e novamente para a igreja de S. João Nepomuceno. Construiu-se em 1757 uma igreja provisória de madeira, junto do local da antiga, onde a paróquia se instalou até que o novo templo se concluisse. O primeiro juiz da irmandade fabriqueira de S. Paulo foi o Marquês de Pombal. A igreja de S. Paulo beneficiou de restauros no século passado (1883) e já no actual.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Paulo está situada no largo de S. Paulo, que limita a Oeste, e orientada a Nascente.

Exterior

Na igreja de S. Paulo, orientada a Nascente, quanto ao Exterior, há a assinalar:

A Frontaria, com um *corpo central* levemente avançado dos dois laterais, e nela:

Os três *portais,* além de um curto átrio cuja cortina de grades desapareceu em 1953, sendo os laterais coroados de ática, e o do centro, mais largo e decorativo, guarnecido de colunas monolíticas com capitéis de ordem dórica, e sobrepujado de tímpano, no qual se vê um *alto relevo,* em oval com moldura, que representa a «Conversão de S. Paulo»; uma porta, no anxo do lado Sul, que corresponde à Capela de Nossa Senhora da Piedade; duas *esculturas,* em pedra, dentro de nichos sobre as portas laterais, representando S. Pedro e S. Paulo, obra de António Machado; três janelões, guarnecidos de cantaria e sobrepujados de áticas, no plano superior sobre os portais; tímpano com óculo elíptico iluminante; duas *torres,* uma sobre cada prumada dos corpos laterais, com ventanas, coroamento de grimpa e fogaréus, e mostradores de relógio na parte superior.

Interior

Interiormente a igreja de S. Paulo tem, na traça, pontos de semelhança com a da Encarnação.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja,** de uma só nave, todo revestido de cantaria de boa lavra, e de mármores, e nele:

O *tecto,* de madeira, em arco muito abatido, todo coberto de pintura, larga composição de perspectiva arquitectónica ornamentada, representando ao centro a «Conversão de S. Paulo», obra devida a Jerónimo de Andrade e aos seus colaboradores José Tomás Gomes, Gaspar José Raposo e Vicente Paulo;

O *coro,* assente sobre três arcadas sustentadas por pilastras;

O *baptistério,* com tecto e retábulo de S. João Baptista, pintura de Pedro Alexandrino;

Quatro *capelas,* com guarnição em arco de cantaria e altares com duplas colunas de mármore rosa, com capitéis coríntios, coroados por composição escultórica, duas do lado esquerdo, a de Santo António, com retábulo representando «S. João Baptista», por Pedro Alexandrino, e a antiga do Santíssimo, reentrante, guarnecida toda de mármore rosa, com portas com ombreiras de mármore negro de Estremoz, e cúpula circular de lanternim iluminante, e duas do lado direito, a primeira com retábulo de S. Miguel, e a segunda com retábulo «A descida da Cruz», um e outro de Pedro Alexandrino;

Uma *capela,* à esquerda, ocupando uma sala de passagem para a sacristia, e na qual se vê uma imagem do Senhor dos Passos, que pertenceu ao Convento dos Caetanos;

Dois pequenos *altares,* em cantaria, nos topos, aos lados do arco da capela-mor, construídos em 1927;

Uma *capela,* constituindo um anexo, com porta independente à esquerda da frontaria, e cujo acesso se faz por uma passagem contígua ao baptistério, e, nela, o altar de Nossa Senhora da Piedade, que dá o nome invocativo à capela, com imagem de boa escultura e a de um Cristo morto, no frontal; uma grande tela, sobre o altar, representando Nossa Senhora da Boa Viagem, e que também deu, em tempos, denominação a esta capela;

Um *nicho,* ao alto, sobre o arco da capela-mor, orientado para o corpo da igreja, e no qual se vê uma imagem de Cristo crucificado;

A *teia,* circundando todo o corpo da igreja, em mármore rosa com balaustres também de mármore;

A Capela-mor, revestida de bons mármores, e, nela: o *tecto,* em estuque, com relevos e ornatos, obra de João Grossi, e com uma pintura central sobre tela (de Pedro Alexandrino?); o *altar-mor,* ostentoso de mármores rosa e branco, com duplas colunas, no fundo do qual se vê um quadro, O encontro de S. Pedro e de S. Paulo, pintura de Joaquim Manuel da Rocha (foi professor de Domingos António de Sequeira, e talvez por isto a tela é atribuída a este artista).

A *sacristia,* na qual se pode assinalar o tecto, com ornatos de estuque de João Grossi.

(Entre as imagens de interesse que se encontram na Igreja de S. Paulo deve citar-se uma, pequena, de Nossa Senhora da Piedade (presentemente na Casa do Despacho), que esteve desde o começo do século XVIII num nicho que existiu, (do lado da rua) numa parede junto à Casa da Moeda, demolido em 1837, sendo então a imagem transportada para o templo. Há em S. Paulo imagens — S. Carlos, S. Calisto, S. Caetano e Divina Providência — que pertenceram ao convento dos Caetanos.

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA C. M. L.

0316370
INVENTÁRIO DE LISBOA

PREÇO
12$50